

UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO

JORNALISMO

GEISIANE CANTUÁRIA SILVA

**OS DESAFIOS NA CARREIRA JORNALÍSTICA: UM ESTUDO SOBRE  
O IMPACTO DO TRAUMA**

RIBEIRÃO PRETO

2023

GEISIANE CANTUÁRIA SILVA

**OS DESAFIOS NA CARREIRA JORNALÍSTICA: UM ESTUDO SOBRE  
O IMPACTO DO TRAUMA**

Trabalho de Conclusão de Curso entregue  
à Universidade de Ribeirão Preto –  
Unaerp, como requisito para obtenção do  
título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador(a): Ms. Flávia Cortese Martelli

RIBEIRÃO PRETO  
2023

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Processamento  
Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

S586d SILVA, Geisiane Cantuária, 2002-  
Os desafios na carreira jornalística: um estudo sobre o impacto do  
trauma / Geisiane Cantuária Silva. – Ribeirão Preto, 2023.  
116 f. : il. color.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Me.<sup>a</sup> Flávia Cortese Martelli.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade de  
Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo, 2023.

1. Jornalismo. 2. Trauma. 3. Saúde mental. 4. Estresse. 5. Cenas  
traumáticas. II. Título.

CDD 070

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus, que me amparou e me deu forças nos momentos de dificuldade e me amparou quando imaginei que não conseguiria dar sequência na produção . Desejo expressar minha profunda gratidão à minha orientadora Flávia Martelli, pela paciência e incentivo durante todo o processo de pesquisa. Suas sugestões e orientações desempenharam um papel fundamental na qualidade deste trabalho.

Agradeço ao meu pai, José, por ter me buscado todos os dias quando chegava da faculdade e agradecer a Miraci pelo apoio incondicional ao longo dos anos de estudo, por toda dedicação e suporte. Agradeço ao Álvaro, meu namorado pelo incentivo durante todo o curso e por me ajudar a sonhar com um futuro brilhante.

Por fim, quero expressar meu apreço a todas as fontes, autores e pesquisadores cujos trabalhos foram fundamentais para a minha pesquisa. Suas contribuições foram essenciais para a construção deste TCC.

Este projeto representa o resultado de um esforço conjunto, e é dedicado a todos aqueles que compartilharam essa jornada comigo.

“Não tenha medo de dar um grande passo. Não se atravessa um abismo com dois passos pequenos”.

(David Lloyd George)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. DETALHAMENTO TÉCNICO.....</b>	<b>17</b>
1.1. PÚBLICO ALVO.....	18
1.2. PAUTAS.....	19
1.3. ENTREVISTAS.....	19
<b>2. SINOPSE FINAL.....</b>	<b>20</b>
<b>3. ROTEIRO FINAL.....</b>	<b>21</b>
3.1. PODCAST.....	21
<b>4. CRONOGRAMA.....</b>	<b>26</b>
<b>5. RELATO DE PRODUÇÃO.....</b>	<b>27</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>33</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>86</b>

## RESUMO

Há décadas, jornalistas são ensinados a serem observadores e trabalharem de forma impessoal e objetiva. Mas, de acordo com Paula Saviolli e Leão Neto (2022) o trauma no exercício do jornalismo não afeta apenas os jornalistas que estão em campo testemunhando eventos traumáticos presencialmente, mas também aqueles que trabalham nas redações. Mesmo que esses profissionais não estejam diretamente expostos aos eventos traumáticos, eles podem ser afetados pelo que veem e ouvem enquanto estão trabalhando. Isso pode incluir imagens violentas em um vídeo, sons de tiros em um arquivo de áudio ou palavras de um texto que descrevem uma cena traumática. Desta forma, foi explorada a necessidade de compreender as lesões emocionais e psicológicas causadas pela profissão. Tópicos como estresse, ansiedade, depressão e esgotamento são explorados, identificando causas e consequências. Esta proposta teve como objetivo fornecer uma análise abrangente do cenário atual da profissão jornalística, explorando suas complexidades e desafios, já que o trabalho jornalístico está frequentemente sujeito a situações traumáticas, como a cobertura de conflitos, desastres naturais e eventos violentos. Essas experiências podem ter um impacto significativo na saúde mental dos profissionais, acarretando em problemas como depressão, transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) e outros transtornos psicológicos. A pesquisa utilizou a pesquisa bibliográfica e metodologia qualitativa de caráter exploratório, utilizando análises de casos para compreender o impacto do trauma na profissão do jornalista.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Trauma; Cenas Traumáticas; Saúde Mental; Estresse.

## **ABSTRACT**

For decades, journalists have been taught to be observant and work in an impersonal and objective way. But, according to Paula Saviolli and Leão Neto (2022), trauma in the practice of journalism does not only affect journalists who are in the field witnessing traumatic events in person, but also those who work in newsrooms. Even though these professionals are not directly exposed to traumatic events, they can be affected by what they see and hear while they are working. This could include violent images in a video, the sounds of gunshots in an audio file, or words in text that describe a traumatic scene. In this way, this study investigated the impact of trauma on the careers of journalists, addressing demands and challenges at work. Topics such as stress, anxiety, depression and burnout are explored, identifying causes and consequences. This proposal aimed to provide a comprehensive analysis of the current scenario of the journalistic profession, exploring its complexities and challenges, as journalistic work is often subject to traumatic situations, such as the coverage of conflicts, natural disasters and violent events. These experiences can have a significant impact on professionals' mental health, leading to problems such as depression, Post-Traumatic Stress Disorder (PTSD) and other psychological disorders. The research used bibliographical research and qualitative methodology of an exploratory nature, using case analyzes to understand the impact of trauma on the journalist's profession.

**Keywords:** Journalism; Trauma; Traumatic scenes; Mental health; Stress.



## INTRODUÇÃO

O jornalismo sempre foi reconhecido pela sua característica de imediatismo devido à crescente demanda por produtividade e eficiência no ambiente de trabalho. Os casos de estresse, ansiedade e depressão relacionados à profissão são cada vez mais comuns devido aos avanços tecnológicos e às diversas transformações no cenário midiático. A construção e produção de notícias passaram por transformações com a chegada da convergência de mídias, pois a divulgação de notícias tornou-se uma tarefa ainda mais desafiadora para os jornalistas, pois eles não apenas enfrentam situações de risco, como se desdobram e correm contra o tempo para compartilhar as informações antes de qualquer outro veículo.

O trabalho jornalístico está frequentemente sujeito a situações traumáticas, como a cobertura de conflitos, desastres naturais e eventos violentos. Essas experiências podem ter um impacto significativo na saúde mental dos profissionais, acarretando em problemas como transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) que surge em resposta a uma situação potencialmente geradora de trauma psicológico e manifesta-se após algumas semanas ou meses, também pode causar depressão e outros transtornos psicológicos.

Há décadas, jornalistas e profissionais semelhantes são ensinados a serem observadores e a trabalharem de forma impessoal e objetiva. De acordo com Paula Saviolli e Leão Neto (2022), o trauma no exercício do jornalismo não afeta apenas os jornalistas que estão em campo testemunhando eventos traumáticos presencialmente, mas também aqueles que trabalham nas redações. Mesmo que esses profissionais não estejam diretamente expostos aos eventos traumáticos, eles podem ser afetados pelo que veem e ouvem enquanto estão trabalhando. Isso pode incluir imagens violentas em um vídeo, sons de tiros em um arquivo de áudio ou palavras de um texto que descrevem uma cena traumática.

Uma patologia reconhecida pela American Psychiatric Association (APA) - Distúrbio de Stress Pós Traumático, referido como PTSD (Post-Traumatic Stress Disorder) - considera que o PTSD poderia surgir não apenas por exposição direta, mas após um testemunho, tomada de conhecimento e exposição repetida, ponderando que essa abordagem pode refletir a curto, médio e longo prazo e impactando não apenas profissionais da área, mas toda a comunidade envolvida.

Há séculos, jornalistas em todo o mundo têm arriscado saúde, segurança e vidas ao cobrir conflitos, tragédias e traumas. Eles se tornaram testemunhas da violência, destruição e perda para que seus públicos possam ser informados, esclarecidos ou chamados à ação. Quando o desastre acontece, jornalistas frequentemente são os primeiros respondentes, em alguns casos chegando à cena antes de agentes da lei, bombeiros, pessoal médico ou forças militares. Repórteres, fotógrafos, cinegrafistas e outros profissionais da imprensa exploram as duras realidades da guerra, genocídios, terrorismo, crimes, catástrofes e acidentes, documentando suas observações e experiências (MASSÉ, 2011, p. 1-2).

Pesquisas evidenciam que jornalistas lidam com os efeitos do trabalho de forma individual, pois buscar e receber apoio ainda não são ações normalizadas dentro de uma organização. Um dos primeiros especialistas a estabelecer uma conexão entre o trauma aos jornalistas foi o canadense Anthony Feinstein, com seu estudo: “A hazardous profession: war, journalists, and psychopathology”. Feinstein (2022) entrevistou 140 correspondentes de guerra e 107 jornalistas que em nenhum momento de suas carreiras presenciaram uma cena de guerra. De acordo com os resultados, profissionais que cobriam guerra possuíam maiores taxas de depressão e TEPT (Transtorno de estresse pós-traumático).

Jornalistas especializados, semi especializados ou enviados especiais que ficam encarregados de nos trazer as últimas atualizações da frente de combate. Homens e mulheres que arriscam a vida em nome de um dos gêneros informativos com maior interesse e relevância pública, para que os que não podem, e/ou não querem, lá estar, possam ficar a par de todos os movimentos. Mas atenção, o jornalista de guerra não deve ser visto como uma espécie de herói, alguém que avança sem medo em nome da informação. A verdade é que esta é uma das especializações jornalísticas que mais controvérsia pode suscitar. (CARVALHO, 2016, p. 7)

Conforme apontado por Pereira (2012), situações traumáticas tendem a ressurgir de forma recorrente nas memórias dos jornalistas que foram expostos a cenas traumáticas em algum momento de suas carreiras. Essas lembranças podem acarretar sentimento de impotência, medo, insegurança e pode afetar a autoconfiança e desempenho profissional.

Narrativas de trauma, não são apenas eventos grandiosos como massacres e guerras, também se enquadram histórias comuns que acontecem com uma frequência maior, como: roubos, ameaças, acidentes de trânsito, casos de abuso infantil, assédio moral e semelhantes. Essas questões evidenciam a necessidade de abordar e compreender os transtornos psicológicos enfrentados pelos jornalistas, bem como a importância de implementar medidas de suporte e cuidado em ambientes de trabalhos jornalísticos.

Situações traumáticas são lembradas repetidas vezes na mente de quem sofreu o trauma. Segundo Guedes (2003) as imagens do evento ficam armazenadas na memória e essa constante aparição faz com que o indivíduo sofra, tenha pesadelos à noite e sonhe estar vivenciando o evento novamente, por meio de alucinações e ilusões.

O indivíduo testemunhou alguma coisa além da experiência humana comum, a qual seria muito difícil para qualquer pessoa. Esse fato pode ser uma séria ameaça contra sua vida, sua integridade física ou psíquica” (GUEDES, 2003, p.49).

Além da falta de apoio, exposição a cenas traumáticas, acúmulo de funções e uma longa jornada de trabalho, os ataques a profissionais da área também alcançam números cada vez maiores sendo um dos fatores mais impactantes na saúde mental. Segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), somente no Brasil, foram 430 ocorrências ao longo de 2021. No mesmo ano, os profissionais da EBC (Empresa Brasil de Comunicação) foram vítimas de 138 ataques e os profissionais de TV foram vítimas de 94 ataques. Maria José Braga, presidenta da FENAJ, destaca que, historicamente, os profissionais de emissoras de TV são mais atacados, por serem identificados e por portarem equipamentos.

O centro de recursos Dart Center for Journalism and Trauma (Centro Dart para jornalismo e trauma), fundado na Universidade de Washington em 1999, é um instituto de políticas para jornalistas que cobrem violência, conflito e tragédias. Esse projeto possui a missão de melhorar a qualidade do jornalismo sobre eventos traumáticos e conscientizar as instituições sobre o impacto que essa cobertura tem sobre os jornalistas. O projeto possui um blog que é referência sobre jornalismo de trauma e hoje reúne temas como saúde mental, autocuidado e oferece workshops para que mais pessoas tenham conhecimento sobre o tema.

O profissional da comunicação se depara com frequentes desafios psicológicos em sua atividade, e ao ser designado para cobrir uma tragédia, é fundamental que o profissional mantenha uma postura estável e focada, às vezes tendo que deixar de lado suas próprias emoções pessoais para assegurar que a informação seja comunicada da maneira mais ética e eficaz possível. Conforme Diana Andringa (2019) relata em seu artigo “A Dor da Gente Não Sai no Jornal”, profissionais da emergência após cobrirem uma cena trágica são reportados para um espaço de aconselhamento após o trauma, já os profissionais do jornalismo, são destinados a cobrir uma outra história, sem tempo para digerir o que acabou de noticiar/captar.

Dentro dessa perspectiva, foram analisados dois artigos principais que acrescentaram na produção do relatório, sendo o primeiro artigo: “Análise psicológica da atividade profissional dos jornalistas marciais”, produzido por Maksym Balaklytskyi e Valentyna Kuryliak (2019) que oferece uma visão abrangente do jornalismo de trauma em situações de guerra e conflitos armados. Um dos testes apresentados no artigo foi realizado com profissionais da área, sendo um teste de interação feito para estabelecer os componentes psicológicos da personalidade dos jornalistas marciais. Ele consistiu em 90 declarações e em cada posição, o respondente poderia escolher uma declaração que, de acordo com a sua opinião, refletia a essência da sua profissão. Por exemplo, uma declaração foi elaborada da seguinte forma: “A profissão de jornalista militar afeta minha saúde psicológica a. positivamente; b. negativamente; c. não afeta”. Como resultado, 86% dos respondentes afirmaram que a profissão era prejudicial à saúde psicológica. A seguinte afirmação foi feita como uma pergunta de controle. “Violência e histórias de guerra afetam você como autor? a. afetam fortemente; b. não afetam; c. em alguns momentos me causam profunda ansiedade. A opção “c” foi marcada por 100% dos respondentes.

O segundo artigo selecionado é o “Emoções, trauma e bom jornalismo” produzido por Mark Brayne (2008) que destaca a importância da escolha da profissão e enfatiza a promoção do autocuidado no ambiente de trabalho. A análise dessas publicações científicas contribuíram para embasar teoricamente as discussões e elaborar este trabalho, fornecendo um embasamento sólido para a compreensão e exploração do tema e para a produção de perguntas que foram realizadas para os profissionais que vivenciaram momentos traumáticos.

Durante este trabalho, foram apresentados estudos de casos e análises a partir de pesquisadores internacionais e profissionais da área que buscam juntos uma nova perspectiva para o jornalismo. Espera-se que as informações e reflexões compartilhadas sejam de interesse não apenas para o público especializado, mas também para futuros profissionais e estudantes da área. Ao abordar o tema escolhido, também pode-se refletir sobre a responsabilidade das organizações em criar iniciativas para ajudar estes profissionais, sendo uma sugestão inserir medidas que acompanham o profissional após o processo de exposição a cenas traumáticas, uma das queixas mais relatadas no produto midiático.

Esta pesquisa contribui para o Grupo de Pesquisa em Educação e Trauma em Jornalismo (JETREG) que foi planejado para abordar os riscos financeiros, emocionais e psicológicos enfrentados por jornalistas devido à exposição a eventos traumáticos ao longo de suas carreiras. O grupo de estudos visa envolver educadores de jornalismo na conscientização sobre trauma e na inclusão de treinamento em resiliência no currículo jornalístico. Composto por uma equipe multidisciplinar de pesquisadores experientes em métodos variados, o JETREG busca compartilhar conhecimentos sobre a conscientização dos educadores de jornalismo e suas atitudes em relação à inclusão do treinamento em resiliência no ensino, facilitar discussão e soluções através de eventos acadêmicos para promover a formação em resiliência no ensino de jornalismo e conectar uma comunidade de educadores de jornalismo, profissionais da área e organizações de mídia para apoiar e fortalecer a resiliência dos jornalistas, tanto nacionais quanto internacionalmente.

Contudo, conclui-se que é necessário a coleta de fatos para promover uma compreensão mais ampla do papel desempenhado por estes profissionais na sociedade contemporânea, assim como uma compreensão mais sólida e informada sobre esse campo de atuação. Por meio desta análise, espera-se um diálogo mais recorrente sobre a pressão e os desafios enfrentados pelos profissionais em sua rotina, especialmente no que diz respeito ao aspecto emocional e psicológico. Para que esse objetivo se cumpra, foi utilizada a metodologia qualitativa de caráter exploratório, utilizando análises de casos para compreender o impacto do trauma na profissão do jornalista. Também foi realizada uma revisão bibliográfica abrangente sobre o tema, em busca de artigos, projetos e publicações relevantes na área que possam contribuir de maneira efetiva na conclusão deste.

Além disso, o estudo visa incentivar a adoção de políticas e práticas que reforcem suporte adequado, como treinamentos em resiliência, acesso a serviços de saúde mental e criação de uma cultura de apoio mútuo entre os colegas tanto em redações e empresas de comunicação, como nos setores em geral.

O Podcast definido como produto midiático, está disponível no Spotify e combina uma abordagem acessível e dinâmica para tornar o conteúdo mais envolvente e aprofundado. O podcast oferece uma maneira prática de acesso, permitindo que um número maior de pessoas tenha conhecimento sobre o assunto, independentemente de sua localização e dispositivo utilizado.

O podcast tem marcas do formato radiofônico, como as entrevistas pingue-pongue – perguntas e respostas –, os debates em formato de mesa-redonda, as reportagens, os documentários em áudios e os boletins. Contudo, não possui uma estrutura fixa, como os outros formatos, consideradas tradicionais. Cada episódio pode ser contado de diferentes maneiras. Vale ressaltar que outro benefício de produzir conteúdos em podcast é o aprofundamento da temática (E. PAZ, 2021)

A partir da escolha deste produto, a disseminação de informações sobre trauma no jornalismo, alcança um público mais amplo e promove uma compreensão mais abrangente dos desafios enfrentados pelos profissionais, principalmente em um cenário em que o conteúdo está sendo cada vez mais consumido pelo público em geral.

O sucesso desse formato ganhou repercussão durante a pandemia. Um estudo da Globo em parceria com o Ibope realizado em 2021, mostrou que 57% da população começou a ouvir os programas on-line nesse período, época em que as pessoas possuíam uma rotina mais pacata e fugiam das notícias da TV.

Em 2020, durante a quarentena, de cada cem brasileiros que acessaram a internet, 43 ouviram podcast pela primeira vez. O levantamento foi realizado aqui e em mais sete países pela Deezer, a nona plataforma agregadora de podcast mais ouvida pelos brasileiros (ROCHA, 2020).

De acordo com Antonio Carlos Silva (2022) até 2021, havia no Brasil mais de dois mil programas ativos, conforme a Associação Brasileira de Podcasters (ABPod). Ainda segundo a pesquisa, o Brasil tem apresentadores de programas de áudio ativos desde 2004 e dos atuais, 70,4% começaram a produzir conteúdo sonoro digital sob demanda em 2018.

Um estudo realizado pela plataforma CupomValido.com.br em 2022, com dados da Statista e IBOPE, com relação às plataformas digitais, o Spotify lidera com 25% de participação no mercado. O Apple Podcasts fica em segunda posição com 20% e em seguida o Google Podcasts com 16%.

Para a construção das entrevistas, utilizou-se uma linguagem clara e objetiva, de modo a facilitar a compreensão e o interesse do público pelo tema, ao mesmo tempo em que se estabelece uma conexão significativa com o assunto abordado. A pesquisa desempenha um papel relevante para os estudos no campo do jornalismo, tendo em vista a importância do estudo sobre a relação da profissão com o trauma e o autocuidado.

O objetivo deste trabalho é contribuir para o avanço dos estudos nessa área, fornecendo dados e depoimentos para trabalhos complementares. Ao ampliar o conhecimento sobre a temática do trauma no jornalismo, este estudo contribui para uma reflexão crítica e fundamentada sobre os desafios e choques, promovendo uma abordagem mais sensível e cuidadosa em relação às questões de saúde e bem-estar na profissão.

## 1 DETALHAMENTO TÉCNICO

O produto midiático deste projeto é um podcast postado no Spotify, que é composto por seis episódios e utilizou técnica de entrevista em profundidade semi-estruturada.

. O objetivo do Podcast intitulado “Encontrando Vozes” é explorar o trauma na profissão do jornalista, abordando diferentes perspectivas e experiências, desde entrevistas com jornalistas que vivenciaram situações traumáticas até profissionais que trocaram de linha editorial devido ao trauma. No que se refere a estrutura do podcast, cada episódio teve uma duração média de 20 minutos, permitindo uma exploração detalhada dos relatos.

No decorrer dos episódios foram convidados jornalistas que já estiveram em situações de trauma e estresse. Esses convidados tiveram a oportunidade de compartilhar suas experiências, dicas e histórias ao longo dos episódios. O produto possui uma abordagem de entrevista, na qual foi guiado por perguntas previamente selecionadas. A introdução de cada episódio é iniciada com uma vinheta autoral, breve apresentação do tema a ser abordado e apresentação dos convidados.

No total os entrevistados foram: Mateus de Oliveira Luciano (Estudante de jornalismo); Juliana Melani (Jornalista da TV Record); Marília Valente (Jornalista e diretora de rede da EPTV); Kaique Castro (produtor de TV da EPTV), Rafael Pascuim (Repórter e apresentador da TV Record) e uma fonte que não quis ser identificada.

Em cada episódio um jornalista trouxe seus depoimentos e vivências relacionadas à profissão. Os convidados abordaram a escolha da profissão, os desafios enfrentados no dia a dia, as emoções sentidas e os impactos a longo prazo em suas vidas pessoais e profissionais. Essas histórias oferecem perspectivas valiosas sobre as diferentes formas que o trauma se instaura e como profissionais lidam com ele.

O objetivo do podcast não é apenas focar os aspectos negativos do jornalismo, mas sim trazer à tona uma reflexão mais ampla sobre a importância de lidar com o trauma no ambiente profissional, independentemente da carreira escolhida.

O produto está disponível na plataforma de streaming de áudio Spotify: <https://open.spotify.com/show/4YsmEzg8KmJfJpe73muN1s?si=6bce065134bf4dcf>.

Dentro dessa plataforma os ouvintes encontram informações adicionais sobre cada episódio. A escolha da plataforma de streaming foi devido a popularidade e o alcance, pois se enquadra em uma das maiores plataformas de streaming de áudio, com mais de 572 milhões de



usuários ativos em todo o mundo. A plataforma, também oferece uma experiência positiva ao usuário, já que é possível criar listas de reprodução e compartilhar episódios com facilidade.

No streaming, a experiência coletiva da escuta já não exige que a “tribo” esteja presente em um mesmo local físico. Ela se dá a partir de playlists criadas por vários usuários, da criação de espaços públicos onde fãs de um artista trocam informações, do “clã” formado por usuários que gostam de um mesmo artista ou seguem a mesma playlist e do compartilhamento dessas experiências em outras redes sociais, a partir de recursos disponibilizados no próprio aplicativo. (BEZERRA, et. al., 2015, p. 9)

O Spotify possui algoritmos e sistemas de recomendação que ajudam os usuários a descobrir novos podcasts com base em seus interesses e preferências. Isso significa que o podcast terá maior visibilidade e maiores chances de ser descoberto por potenciais ouvintes que estejam interessados no tema abordado.

A proposta de linguagem verbal do podcast é coloquial com caráter profissional, uma vez que o assunto abordado possui seriedade e requer uma abordagem adequada, significando que as discussões e entrevistas serão conduzidas com respeito, ética e consideração pelos envolvidos. A escolha de uma linguagem informal se baseia no objetivo de criar uma atmosfera de empatia e proximidade com o público, tornando-o mais receptivo às histórias compartilhadas e permitindo que o podcast seja facilmente compreendido por uma ampla variedade de ouvintes. Uma linguagem mais próxima do cotidiano das pessoas torna o conteúdo mais acessível, evitando termos técnicos excessivamente complexos e jargões profissionais.

A linguagem coloquial e descontraída contribui para uma experiência auditiva mais envolvente, tornando o conteúdo mais atraente e interessante. O podcast “Encontrando Vozes” foi editado pelo CapCut, aplicativo prático que garante todas as funções básicas de edição, seja em vídeo ou áudio.

## 1.1 PÚBLICO ALVO

O público alvo deste trabalho é composto por aspirantes a jornalistas, acadêmicos e pesquisadores na área da comunicação, organizações de defesa dos direitos dos trabalhadores e a população em geral que demonstra interesse no jornalismo diário.

Além disso, este trabalho destina-se a profissionais que tenham interesse em realizar pesquisas semelhantes, podendo utilizar as informações aqui contidas como referência.

## 1.2 PAUTAS

O projeto traz entrevistas e análises de especialistas sobre o trauma no jornalismo. O conteúdo conta com discussões sobre o estresse, trauma, saúde mental e apoio psicológico. Com a participação de estudantes e jornalistas, entenderemos como situações vivenciadas por eles são conduzidas no dia-a-dia e quais os impactos delas.

## 1.3 ENTREVISTAS

Mateus de Oliveira Luciano é estudante de jornalismo e após ser inserido em um estágio em uma emissora com programas de notícias factuais, notou que a linha editorial não fazia parte de sua expectativa, resultando na sua saída do estágio após presenciar acidentes de moto, que, mesmo sendo invisíveis ao olho nu, deixaram marcas profundas em sua experiência.

Juliana Melani é jornalista desde 2021 e detalhou momentos inesquecíveis que marcaram a sua carreira, sendo um deles, a entrevista impactante que realizou com o padrasto do menino Joaquim caso de repercussão internacional.

Marília Valente além de Jornalista, desempenha o papel de diretora de rede da EPTV. Ao traçar sua trajetória profissional, revelou episódios tensos e desafiadores que vivenciou durante sua profissão, incluindo medos que carrega até hoje em seu dia a dia.

Kaique Castro é jornalista formado em 2020 pela Universidade de Franca (UNIFRAN) e hoje atua como produtor de TV na EPTV. Kaique nos contou sobre sua rotina como jornalista e como lida com cenas traumáticas envolvendo acidentes e mortes.

Rafael Pascuim, é jornalista, repórter e apresentador da TV Record compartilhou sua experiência ao longo dos anos de carreira, trazendo insights sobre os desafios e aprendizados que permeiam a vida de um profissional da comunicação.

Foi realizada uma entrevista com uma fonte que não deseja ser identificada, e seus relatos abrangem traumas pessoais que carrega, trazendo uma nova perspectiva sobre aspectos delicados e complexos que muitas vezes permeiam o universo jornalístico.

As entrevistas foram realizadas por meio do WhatsApp e da plataforma Google Meet, que permite gravar as chamadas. As gravações foram realizadas de acordo com o planejamento inicial, pois grande parte dos entrevistados viam o projeto como uma forma de dar mais visibilidade à profissão e conseqüentemente um apoio maior ao longo da carreira.

## 2 SINOPSE FINAL

Este trabalho explora a dinâmica complexa do jornalismo contemporâneo, destacando os desafios emocionais enfrentados pelos profissionais da área. Ao abordar a crescente exposição a situações traumáticas, como conflitos, desastres e violência, entende-se o impacto dessas experiências na saúde mental dos jornalistas.

O estudo investiga como o jornalismo se transformou com a convergência de mídias e o ritmo acelerado de divulgação de notícias, colocando os jornalistas sob pressão constante para reportar rapidamente. Isso os expõe não apenas a eventos traumáticos diretos, mas também afeta os profissionais que testemunham e reportam esses acontecimentos.

Além de traumas em zonas de conflito, o estudo destaca que eventos comuns do cotidiano, como assaltos, acidentes e outros, também podem afetar profundamente a saúde mental dos jornalistas. O trabalho se baseia em pesquisas, estudos de casos e análises, incluindo investigações sobre a relação entre jornalismo e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Também são discutidas iniciativas e políticas que podem ser implementadas para melhorar o suporte emocional e psicológico aos profissionais da área.

Como parte do estudo, um podcast foi desenvolvido como um formato acessível para disseminar informações sobre o tema. O podcast oferece uma visão detalhada e aprofundada sobre os desafios enfrentados pelos jornalistas, ampliando o alcance das discussões sobre saúde mental na profissão.

A pesquisa busca não apenas aumentar a compreensão sobre os efeitos do trauma no jornalismo, mas também promover uma abordagem mais sensível e cuidadosa em relação à saúde e bem-estar dos profissionais. Ao destacar a importância do autocuidado e do suporte mútuo, o estudo pretende contribuir para futuras políticas e práticas que garantam o bem-estar dos jornalistas, crucial em um ambiente tão desafiador como o jornalismo contemporâneo.

### 3 ROTEIRO FINAL

#### 3.1 PODCAST

Abaixo segue a exemplificação de um dos roteiros utilizados para a construção do produto. Os demais roteiros estão em anexo na página 76.

<p><b>Trilha - Abertura</b></p> <p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>Bem-vindos ao podcast "Encontrando Vozes"! Eu sou Geisiane Cantuária e estou aqui para guiá-los nessa jornada de histórias de traumas causados pelo exercício da profissão de jornalista.</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>No episódio de hoje, convidamos a jornalista Juliana Mellani, para contar um pouquinho sobre a sua carreira e compartilhar suas vivências.</p> <p>Juliana, seja bem-vinda!</p>
<p><b>Juliana Melani</b></p>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Obrigada”</p>
<p><b>Geisiane Cantuária</b></p>	<p>Juliana, para iniciarmos poderíamos contar um pouco sobre você e sua trajetória no jornalismo? Como tudo começou?</p>
<p><b>Juliana Melani</b></p>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Meu Deus, tem um tempinho hein? Eu me formei em 2001...</p> <p><b>Deixa final:</b> ... tem ficado cada vez mais complicado trabalhar com isso, não menos prazeroso, mas mais difícil. Menos possibilidade dentro das emissoras”</p>

<b>Geisiane Cantuária</b>	Como você descreveria o papel do jornalismo em nossa sociedade atual?
<b>Juliana Melani</b>	<b>Deixa inicial:</b> “O jornalismo é o quarto poder né..” <b>Deixa final:</b> “.. o que não é isso é marketing, o que as pessoas querem que você divulgue, é marketing e não jornalismo”
<b>Geisiane Cantuária</b>	Você teria algum caso que gostaria de compartilhar conosco, algo que você cobriu e que te marcou?
<b>Juliana Melani</b>	<b>Deixa inicial:</b> “Dia 26 fez 7 anos que foi ao ar a entrevista com Guilherme Longo, padrasto do menino Joaquim..” <b>Deixa final:</b> “.. foi um desafio, mas foi muito gratificante”
<b>Geisiane Cantuária</b>	E como foi a cobertura? Como você atuou?
<b>Juliana Melani</b>	<b>Deixa inicial:</b> “A primeira vez que eu fui a Record pra essa minha vaga de trabalho..” <b>Deixa final:</b> “.. mas segundo ele com o mata leão, que é o estrangulamento sanguíneo.”
<b>Geisiane Cantuária</b>	Como você se sentiu com esse testemunho dele?
<b>Juliana Melani</b>	<b>Deixa inicial:</b> “Posso te contar como foi o dia? Não lembro que dia da semana, acho que foi numa quinta-feira..” <b>Deixa final:</b> “.. ele parou de procurar, parou de aparecer, mas você fica tensa né?”

<b>Geisiane Cantuária</b>	Quando você olha pra trás, teria algo que teria feito diferente?
<b>Juliana Melani</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Não. Não teria. Acho que a condução das coisas como foram, foi da maneira mais correta que eu poderia ter feito..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “..chegar no ponto que a gente chegou de uma confissão de uma história tão importante”</p>
<b>Geisiane Cantuária</b>	Você foi designada a ir atrás dessa pauta ou você foi por conta própria?
<b>Juliana Melani</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Na verdade Ribeirão inteiro estava nessa pauta..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “..roubar alguma coisa matéria, tirar o brilho do furo”</p>
<b>Geisiane Cantuária</b>	Essa não foi a primeira cobertura sensível que você participou. Como você se prepara emocionalmente pra cobrir eventos tão sensíveis como esse?
<b>Juliana Melani</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Geisi, acho que o legal do jornalismo.. ”</p> <p><b>Deixa final:</b> “..eu acho que isso é a grande magia do jornalismo”</p>
<b>Geisiane Cantuária</b>	Como você equilibra a necessidade de informar o público com a sensibilidade ao sofrimento das pessoas envolvidas?
<b>Juliana Melani</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Nesse caso específico, como são duas pessoas acusadas pelo homicídio..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “.. mas pode ser que aconteça com qualquer um de nós”</p>

<b>Geisiane Cantuária</b>	Como o apoio da equipe, a cultura da redação e o ambiente de trabalho podem influenciar a forma como os jornalistas lidam com o trauma?
<b>Juliana Melani</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Eu acho que influencia bastante até..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “..precisa dar um tempo pra cabeça, isso faz diferença”</p>
<b>Geisiane Cantuária</b>	Como você vê a importância de compartilhar suas experiências com outros jornalistas?
<b>Juliana Melani</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Eu espero que a gente aprenda muito ouvindo as histórias..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “..os argumentos são deles e não nossos”</p>
<b>Geisiane Cantuária</b>	Existe algo que você gostaria que o público em geral soubesse sobre os desafios emocionais enfrentados pelos jornalistas?
<b>Juliana Melani</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Eu acho que alguém que assista, vou usar de novo o exemplo do Guilherme..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “.. e que você entenda que é uma matéria imparcial, é muito importante”</p>
<b>Geisiane Cantuária</b>	Tem mais alguma coisa que gostaria de dizer ao público? Algum comentário, alguma história..
<b>Juliana Melani</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Cara, eu vou te falar, já tinha ouvido falar do projeto..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “..o jornalista não tem descanso, está sempre atrás de alguma coisa”</p>

<b>Geisiane Cantuária</b>	Juliana, muito obrigada por abordar um assunto tão delicado como este! Gostaríamos de agradecer a sua participação e colaboração nesse projeto!
<b>Juliana Melani</b>	<b>Deixa inicial:</b> “Gente, pra mim foi um prazer..” <b>Deixa final:</b> “.. que essas informações cheguem pra muito mais gente”
<b>Geisiane Cantuária</b>	E agradecer a sua participação também, ouvinte! Até a próxima semana, continuaremos explorando as histórias, os desafios enfrentados e as estratégias para lidar com o trauma na profissão do jornalista. Seja parte dessa conversa e vamos juntos em busca de uma compreensão mais profunda sobre esse tema tão relevante!





## 5 RELATO DE PRODUÇÃO

Me lembro do momento na qual escolhi o tema do meu TCC. Em um dia normal de aula estava conversando com uma amiga sobre estágios e ela me contou sobre sua rotina de trabalho em uma emissora. Durante a conversa, abordou um dos casos na qual precisou cobrir naquela tarde: Um motoqueiro que caiu de um viaduto. Essa conversa me paralisou por uns segundos pois me coloquei no lugar dela e de outros jornalistas e percebi que seria algo que, em hipótese alguma eu conseguiria fazer parte e nisso, pensei em jornalistas que em busca de um estágio/remuneração acabam entrando em linhas editoriais que não lhe agradam, prejudicam sua saúde mental e ocasionando traumas.

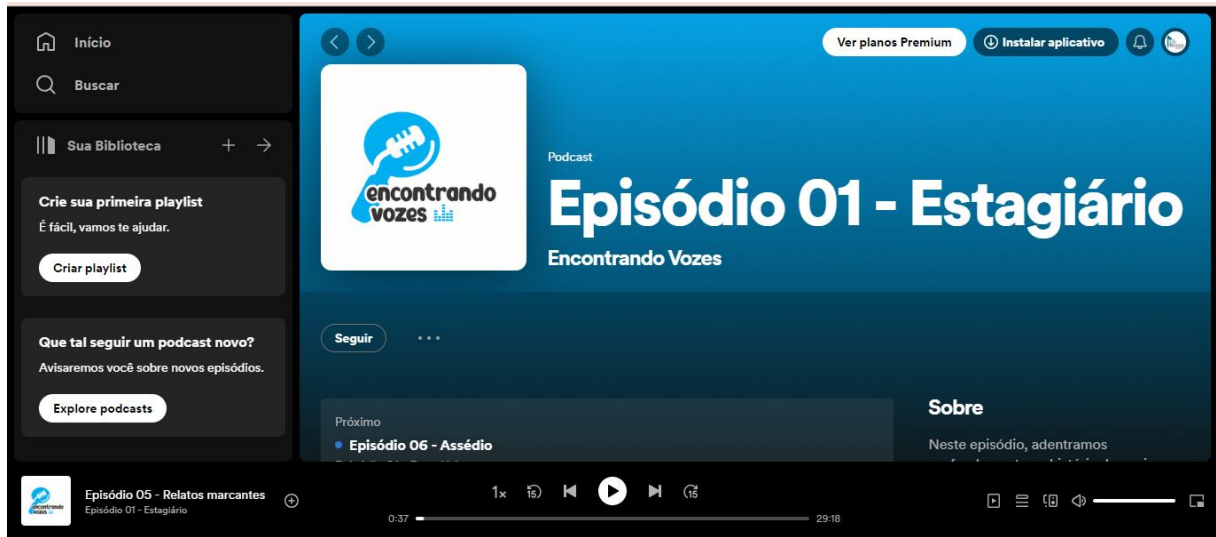
Apresentei a sugestão de tema e foi aprovado, mas logo me repreendi, imaginando que poderia ser julgada por abordar os desafios enfrentados na minha profissão, primeiro porque ainda faltava um tempo para me formar na área então não poderia falar com propriedade sobre a carreira de um jornalista e segundo porque não era uma pauta comum, porque as pessoas teriam interesse no tema? Infelizmente não parou por aí, durante minha busca por referências de trabalhos encontrei um repertório limitado, pois não é recorrente encontrar livros/artigos que falam sobre a saúde desse profissional.

A busca por uma nova temática começou, mas nada era o tema ideal, pensei em falar sobre o imediatismo no jornalismo, a forma de produzir notícias e até mesmo ir em busca de um tema aleatório, mas nada parecia se encaixar e me atrair. No dia da definição dos orientadores, ainda estava com o tema anterior em mente e foi quando vi que era ele o projeto que eu deveria seguir em frente, já que a Flávia Martelli, uma das professoras do curso, também participa de uma pesquisa internacional sobre o trauma no jornalismo, me motivando a seguir em frente.

Quando me aprofundei na pesquisa e encontrei a quantidade de jornalistas que buscam o mesmo que eu, consegui respirar fundo e materializar o meu projeto sem medo do julgamento. Eu queria dar voz aos jornalistas e trazer um olhar da população para os profissionais da área e encontrar pessoas com o mesmo propósito que eu, foi reconfortante.

Para aprimorar o projeto, a criação do podcast foi fundamental. Acredito que melhor do que ler sentimentos, é ouvir vozes reais de casos reais e o podcast “Encontrando Vozes” proporciona essa experiência. As fontes, foram fáceis de encontrar, embora acreditava que seria a tarefa mais desafiadora ao longo do desenvolvimento, mas encontrei muitos profissionais dispostos a compartilhar suas experiências e contribuir para esta pesquisa.

Imagem 1 - Print do Encontrando Vozes, programa disponível no spotify



(Geisiane Cantuária - 2023)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou explorar de maneira aprofundada o campo do jornalismo de trauma e sua influência na saúde mental dos profissionais envolvidos. A pesquisa demonstrou que o jornalismo desempenha um papel crucial na sociedade, fornecendo informações essenciais para o público, mas também expõe os jornalistas a um conjunto único de desafios e pressões que podem afetar significativamente sua saúde mental.

Um dos principais resultados desta pesquisa é a necessidade de conscientização e apoio à saúde mental dos jornalistas. A exposição constante a eventos perturbadores e a pressão para relatar notícias de maneira rápida e impactante, podem resultar em sintomas de estresse pós-traumático, ansiedade, depressão e esgotamento. Os empregadores e as organizações de mídia precisam ter um papel fundamental na promoção de ambientes de trabalho saudáveis e na implementação de programas de apoio psicológico para seus funcionários, além de reforçar a importância dos próprios jornalistas reconhecerem a importância do autocuidado.

Algumas das considerações feitas após vários relatos gravados para o podcast é de que as empresas de comunicação ainda precisam mudar os ambientes de trabalho e proporcionar mais apoio aos profissionais da área que estão em contato com os diferentes tipos de traumas da profissão. As instituições de ensino, por sua vez, precisam comentar sobre o trauma e sobre como lidar com a cobertura de eventos traumáticos, pois os jornalistas carecem de orientação prática para lidar com cenas impactantes e evitando assim a internalização das experiências durante o processo de apuração e não levar como regra uma das frases que um dos entrevistados disse “Eu escolhi essa profissão, isso faz parte”. Se o trauma faz parte, as empresas deveriam repassar essa informação para que cada vez mais pessoas estejam cientes do impacto que causa. E contudo, as empresas tendo essa informação, precisam apoiar esse profissional que está diariamente exposto a possíveis traumas.

Dos seis entrevistados do podcast Encontrando Vozes, quatro compartilharam relatos marcantes envolvendo acidentes com mortes e todos relataram que foram impactados pela cobertura. Esses resultados destacam a urgência de implementar medidas de suporte emocional e fornecer ferramentas apropriadas. Essas ações são essenciais não apenas para preservar a saúde mental dos profissionais envolvidos, mas também para garantir a qualidade e a sensibilidade da reportagem em situações tão sensíveis e desafiadoras.

No futuro, quem sabe não tão distante, espera-se que este trabalho possa servir como base para o desenvolvimento de políticas e práticas que promovam ambientes de trabalho mais seguros e saudáveis para os jornalistas, garantindo assim que continuem desempenhando seu papel. O podcast com todas as entrevistas está disponível no Spotify, para que alcance uma grande quantidade de indivíduos e ultrapasse as fronteiras acadêmicas.

## REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. 2. ed., rev. e atual. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. 1 ed. São Paulo: Globo, 2008

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LOPES, IZADORA. **Saúde mental no jornalismo: uma pauta necessária, central de notícias uninter**, 2022. Disponível em: <https://www.uninter.com/noticias/saude-mental-no-jornalismo-uma-pauta-necessaria>

MILLER, Naseem. **Jornalismo informado sobre traumas: O que é importante e dicas para praticá-lo, the journalist's resource**, 2022. Disponível em: [https://journalistsresource-org.translate.goog/home/trauma-informed-journalism-explainer/?x\\_tr\\_sl=auto&x\\_tr\\_tl=pt&x\\_tr\\_hl=pt-BR&x\\_tr\\_pt...](https://journalistsresource-org.translate.goog/home/trauma-informed-journalism-explainer/?x_tr_sl=auto&x_tr_tl=pt&x_tr_hl=pt-BR&x_tr_pt...)

NICOLETTI, Janara. **É preciso falar sobre a saúde mental dos jornalistas**, observatório da imprensa, 2021. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/e-preciso-falar-sobre-a-saude-mental-dos-jornalistas/>

NOGUEIRA, Paula; PINTO, Leão. **Front digital: O trauma psicológico secundário nos editores de fotojornalismo**, Revista Foco, 2022. Disponível em: <https://focopublicacoes.com.br/foco/article/view/557>

PAZ, E. (ED.). **A importância do podcast para produzir e divulgar conteúdo**. [sl] Revista Arco, 2021. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/midias/arco/podcast>>. Acesso em: 28 nov. 2023.

PIMENTA, Tatiana. **Saúde mental no ambiente de trabalho**, vittude, 2021. Disponível em: <https://www.vittude.com/empresas/saude-mental-no-ambiente-de-trabalho/#:~:text=Quando%20o%20trabalho%20afeta%20sua,200%20dias%20de%20trabalho%20Fano>

SILVA, A. C. (2022). **A segunda era dos podcasts no Brasil: Historiografia recente da consolidação da mídia sonora no contexto do rádio expandido**. *Revista Comunicação, Cultura E Sociedade*, 8 (1). Recuperado de <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/5682>

SLAUGHTER, Autumn; NEWMAN Elana. **Escala de exposição traumática do jornalista**, dart center for journalism & trauma, 2019. Disponível em: <https://dartcenter.org/resources/journalist-traumatic-exposure-scale>

SMITH, River et al. **Cobrindo o trauma: Impacto nos jornalistas**, dart center for journalism & trauma, 2015. Disponível em: <https://dartcenter.org/content/covering-trauma-impact-on-journalists>

THOMPSON, Isobel. **Guia de estilo do Dart Center para jornalismo informado sobre traumas**, dart center for journalism & trauma, 2021. Disponível em: <https://dartcenter.org/resources/dart-center-style-guide>

## APÊNDICE

### **Decupagem 1**

**Entrevistado:** Mateus de Oliveira Luciano, é estudante de jornalismo na universidade de Franca (UNIFRAN) e ex estagiário da TV Record.

**Data de realização:** 10/09/2023

**Horário da entrevista:** 14h00

**Via:** Google Meet

### **Perguntas:**

**Matheus, como você escolheu o jornalismo? Quando você era criança, qual era o seu desejo?**

**01:12** O esporte foi uma coisa que eu sempre gostei bastante. E, como desde cedo, assim, sempre pratiquei, sempre gostei mais do futebol, e percebi cedo que, não conseguiria me tornar um atleta profissional, fui começar a procurar alguma coisa que pudesse me fazer trabalhar na área, que pudesse me fazer ter contato com o esporte, né? E sempre gostei muito, assim, de assistir aos programas esportivos. Transmissão também, eu sempre ficava atento com o que os repórteres na beira de campo iam falar, quando, às vezes, algum repórter entrava ao vivo para dar algum tipo de informação sobre o jogo, sobre um time específico. Foi uma coisa que eu sempre gostei bastante. E também eu sempre fui uma pessoa que gosta bastante de conversar, de falar sobre esporte, mas conversar sobre outras coisas. Gosto também de escrever, sempre gostei. Então, eu achei necessário e achei que acabou o nível útil ao agradável, que é trabalhar, tentar trabalhar com o esporte, né? E fazer alguma coisa que tenha essa troca de ideia, que tenha uma troca de informação, né? Que tenha a questão da escrita também. Então por isso resolvi caminhar para o jornalismo.

**02:27** **Você já está quase se formando. Você já estagiou na área? Como foi sua experiência?**



**02:28** Já eu estagiei, né? Fiquei na Record durante sete meses. Eu fiquei de julho de 2022 até fevereiro de 2023. Então, assim, televisão é... Você tem bastante contato com a maneira como eles produzem, né? Porque cada veículo vai ter mais ou menos a questão da sua linha editorial, vai ter o jeito de produzir. E televisão, ela dá uma diferenciada porque, às vezes, quando você tem um portal, né? Tem um podcast, tem uma rádio, o que seja. Você não necessariamente precisa de um personagem falando sobre aquilo, né? Não precisa demais. Agora, na televisão, você tem que alguém... Tem que falar sobre o que está acontecendo. Por exemplo, às vezes, um problema de um buraco na rua de um bairro. Você tem que ter alguém que mora naquela rua para falar sobre aquele problema, né? E se não tiver... Não tem como um programa de TV... Seja um jornal, seja alguma coisa de variedades. Produzir alguma coisa sobre aquela pauta.

**03:39** E nesse tempo de estágio, como foi sua rotina? Teve algum desafio que você passou? Algo que te marcou?

**03:41** Questão de horário, eu entrava até que relativamente cedo na Record. Eu fazia estágio na parte da manhã. Eu entrava das 7h15 e ficava até mais ou menos 12h30.

E depois ainda trabalhava após o almoço. E assim, no começo até eu acostumar, foi bem puxado, sabe? Porque tinha que conciliar isso, tinha que conciliar a faculdade. Então assim, era bem cansativo. Não vou mentir, não. E a questão também da linha editorial, né? Da Record em si. Que é um jornal que puxa mais para o lado mais policialesco. Uma coisa mais hard news, dia a dia... E assim, é uma área que não me chama tanta atenção, nunca me chamou, ainda mais quando tive contato mais direto.

Não tive tanta simpatia por ela.. Porque querendo ou não, é uma área que acaba acontecendo muita... Muita tragédia, né?

Porque assim, bastante, por exemplo, acidente de trânsito. Roubo, furto. E... Às vezes até coisas mais pesadas, como assassinato, morte. Então assim, é uma área que eu realmente não quero correr. E ter contato com isso de cara, assim... Sem nunca ter tanta curiosidade sobre a área. E nunca ter ido tão a fundo. Foi uma coisa que me causou uma estranheza, sabe? De primeira.

Porque eu não sou de ficar procurando, ler notícias sobre tal acontecimento. Uma coisa mais grave. Nunca me chamou tanta atenção.

E assim, estar naquilo, nessa área. Já produzindo conteúdo sobre isso. Escrevendo. Às vezes tendo que ir até algum lugar ou outro. É uma coisa que... Que causa um certo estranhamento de primeira.

**05:36 E quando surgiu esse estágio na Record, você já sabia que você iria fazer o que você estava fazendo? Ou não? Ou foi como... “Eu preciso de um estágio”, aí você aceitou?**

**05: 40** Na verdade, em si, foi uma oportunidade que apareceu. Um dos estagiários que ainda está lá na Record, ele é da minha sala (faculdade), ele comentou comigo, falou que estava precisando de um estagiário, que um dos outros meninos estava saindo. Eu me interessei, porque foi uma oportunidade diferente, trabalho em televisão... Só que assim, eu não sabia como seria a minha função em si, o que eu teria que fazer. Eu conversei antes de entrar com a editora-chefe, ela falou que era para o programa do horário de almoço que é o Balanço Geral. Ela falou mais sobre essa questão policial. Em si. Então, assim... Já tinha mais ou menos um pouco de noção da linha editorial. Mas não sabia o que eu ia enfrentar.

**06:36 E quando foi que você decidiu que aquela linha editorial não era mais para você?**

**06:39** Principalmente a questão factual, porque como eu falei, tem muito acidente. Né? Às vezes um estelionato, às vezes uma briga, uma coisa assim mais grave. De primeira te causa estranhamento, porque... Se às vezes na televisão em si, com edição, com blur, com as coisas censuradas, a gente já fica um pouco mal de ver aquilo.. E muitas vezes a gente que trabalha na redação pega aquilo sem censura nenhuma, então você vê coisas muito explícitas. Então ainda mais no primeiro mês em si, você fica muito boquiaberto porque você não está acostumado com aquela realidade de ver aquilo ali todo dia. Né? Então assim me deixou mal, sabe? Psicologicamente mexeu um pouco com a minha cabeça. E... A questão dos acidentes em si, principalmente acidentes com motocicleta, que infelizmente aqui em Franca a gente tem indicadores assim bem altos, se não me engano proporcionalmente a gente tem um trânsito mais violento do que de São Paulo. Então... É uma cidade que tem um trânsito muito maior, um fluxo muito maior de carros. E... Até teve um caso de um conhecido, acho que ele tinha menos de 30. Assim... Poucos anos mais velho que eu. Tenho 23. Eu conheci a família

dele, conheci ele em si.. Ele acabou falecendo, entendeu? Então, foi um dia que eu fiquei muito mal, sabe? Porque é uma coisa que causa um sentimento ruim.. Um sentimento de tristeza, ainda mais quando você conhece a pessoa por minimamente que seja, ainda te deixa mais baqueado. Acho que foi o caso que mais me deixou mal, que fez eu realmente tomar essa decisão de querer sair, porque no início eu falava, não...é “período de adaptação”, os primeiros dois... três meses. Mas isso infelizmente só foi ficando pior. Com o tempo eu fui ficando mais afetado por isso, ficando mais triste e... Às vezes até um pouco receoso do trânsito, de andar de moto, toda essa questão, porque é o meu único meio de transporte, eu não tenho carro. Então, ver isso todo dia era uma coisa que acabou mexendo comigo.

**08:30** **Você falou novamente dessa questão do acidente. Em nossa primeira conversa você também citou a questão da linha editorial, que você presenciou muitos acidentes. Você acredita que isso tenha sido um trauma pra você?**

**08:37** No começo eu acho que pode ter causado alguma coisa sim, de ficar mais receoso, de ficar mais com medo de andar, só que eu faço terapia então a gente vai aprendendo a lidar com essas coisas, e eu meio que tenho que passar por cima disso, igual como eu falei, eu só tenho uma moto pra me transportar, eu não tenho outro meio, certo? E assim, eu não moro muito perto de onde eu trabalho hoje, não morava muito perto da Record, então assim, ou eu andava de moto, ou eu simplesmente não saía de casa, entendeu?

Então, junto a essa questão de ter acesso à terapia, que é uma coisa que ajuda a gente a lidar, né, e também ter que passar um pouquinho em cima, porque se eu não passasse por cima, eu simplesmente não conseguia me locomover.

**10:00** **E você teve apoio, tanto da redação, quanto em casa, pra buscar ajuda, né, ou foi por conta própria mesmo, você que decidiu?**

**10:07** Na verdade, eu já fazia terapia é uma coisa que eu já faço já há alguns anos, né, então assim, mais ou menos foi só um assunto que eu comecei a abordar, então pra mim não teve tanta diferença porque como eu já fazia, eu já tava acostumado com a dinâmica, do jeito que é, e assim, na redação, o pessoal entende, porque acaba sendo complicado pra todo mundo quando entra, né, porque você não tá tão, não tá tão acostumado com essa realidade.

Você sabe, que a gente vive num país violento, por qualquer esfera que seja, mas quando você tem contato com aquilo diariamente, acaba te contaminando e muitas vezes não mexe com você de uma forma legal, né. Então assim, o pessoal acaba entendendo e também fala nessa questão da terapia, e a adaptação, né, com o tempo você ir entendendo, você vai se adaptando e você vai sabendo que aquilo é uma coisa que infelizmente acaba acontecendo. Não tem muito que a gente consegue fazer pra mudar essa situação.

**11:35 E o apoio da equipe, dividir experiências, você acha que é importante esse auxílio, principalmente pro jornalista que está tendo a primeira experiência ali agora, o primeiro contato com cenas, a primeira experiência profissional?**

**11:41:** Ah, um pouco de auxílio eu acho que acaba dando.. Mas aí vai também muito do individual, de cada um, né, como cada pessoa enfrenta os traumas, os problemas na vida, né. Então às vezes pode... Ó, a conversa com eles me ajudou, mas é uma coisa também que não resolveu totalmente, né, vamos falar assim, eu não consegui passar totalmente por cima, né, de falar “Não, beleza, eu vou pôr isso de lado”. É, teve sim a sua parte, mas não necessariamente foi uma coisa que resolveu essa questão pra mim.

**12:30 E após tudo isso que você passou, você sentiu que a perspectiva sobre a carreira jornalística mudou ou não?**

**12:33** Então, eu continuo querendo trabalhar com o jornalismo, isso pra mim é... Isso não muda. Isso não mudou. Eu realmente queria partir mais para o lado do esporte, porque isso é uma questão pessoal. Mas se tiver outras áreas também, vou abraçar, vou querer explorar as oportunidades que a gente tiver. Mas esse lado do dia a dia, do factual, nunca foi uma coisa que me chamou a atenção. E vivenciar isso na pele, ter esse estágio, ter essa oportunidade de enfrentar, foi um pouco determinante para não realmente não querer correr para essa linha editorial.

**13:04 E como você vê a importância de compartilhar as experiências com outras pessoas?**

**13:08** Quanto mais conhecimento a gente tem sobre um determinado assunto, uma determinada realidade, ajuda a gente a decidir se você vai querer seguir essa carreira, se não, se vale a pena você passar por cima de certas coisas, se você acha que aquilo ultrapassa o seu limite. É interessante você conversar com quem já experienciou esse tipo de coisa, quem vive essa realidade, quem já viveu, porque você vai trazendo mais informações e também vai trazendo mais experiências para o mundo. E isso para você próprio, para você realmente ter certeza daquilo que você quer, da maneira como você vai seguir a sua carreira. Eu acho extremamente importante esse compartilhamento de experiências e essa troca de ideia com quem já está na área e com quem pretende entrar.

**14:00** Quais são os seus planos para o futuro?

**14:05** Bom, primeiro, acho que, até por questão de ficar uma coisa mais conta, tentar explorar o mercado regional aqui, ver onde vai ter oportunidade, onde está precisando de pessoas. E, se às vezes não tiver alguma coisa muito perto, tentar procurar algo no estado, quem sabe, ir para São Paulo, para Campinas, uma cidade maior, ou às vezes ir para a capital de outro estado.

**14:48** E existe algo que você gostaria que o público, em geral, soubesse? Alguma coisa da profissão? Alguma dica que você daria?

**15:04** Eu acho que, se realmente você deseja seguir essa área, se é uma coisa que você almeja, independente da linha editorial, é bom se preparar, saber como funciona a maneira como cada veículo trabalha, cada instante, cada atividade editorial que cada um tem, eu acho extremamente importante. E estar sempre qualificado e aberto para viver novas experiências, porque a gente nunca sabe aonde vai ser o lugar que a gente vai mais gostar de trabalhar, onde vai ser a oportunidade que mais vai combinar com a gente. Então, é estar aberto para viver experiências novas e de cabeça.

## **Decupagem 2**

**Entrevistado:** Juliana Melani, jornalista formada em 2001 já atuou como investigadora de polícia, mas atualmente trabalha na TV Record.

**Data de realização:** 29/09/2023

**Horário da entrevista:** 19h00

**Via:** Google Meet

**Para iniciarmos, poderia contar um pouquinho sobre você e sua trajetória no jornalismo? Como tudo começou?**

**00:55** Meu Deus, tem um tempinho, hein? Eu me formei em 2001, não trabalhei na área há muito tempo. Fui ser investigadora de polícia, fiquei na Polícia Civil até 2013 e em 2014, foi quando eu voltei para a área na Record. Nesse período, também fiquei fazendo revisão de texto para um jornal impresso aqui da cidade, fazia uns freelas, mas voltei para a Record em 2014. É o que eu estava te falando agora, antes da gente começar a gravar, né? Jornalismo é um negócio muito louco, porque a gente faz por amor, mas é uma profissão muito difícil para entrar, para se manter, para fazer um bom jornalismo também. Nos últimos anos, eu acho que as redações têm ficado muito mais enxutas, sabe? E isso prejudica o trabalho de todo mundo. Então, eu acho que de uns anos para cá, tem ficado bem mais complicado trabalhar com isso. Não menos prazeroso, entendeu? Mas é mais difícil, menos gente, menos possibilidades dentro das emissoras também, enfim. Não está fácil. Essa área não está fácil.

**02:10 Como você descreveria o papel do jornalismo em nossa sociedade?**

**02:15** Jornalismo é o quarto poder, né? Eu acho que a principal função do jornalismo é levar a informação que os interessados não querem que chegue à população, diretamente ao interesse público, sempre foi e sempre será. Mas tudo isso também depende de vários fatores, não basta ter só a sua vontade. Você tem que ter tempo para desenvolver uma matéria, pesquisar uma pauta, apurar a sua pauta, ter bons contatos com fontes. Então, para a área que você se direcionar, você tem que ter um tempo para ter essa bagagem, né? Para conseguir construir esse conteúdo da melhor maneira possível, de uma maneira que seja relevante para todo

mundo também. Porque o que não é isso é marketing, sabe? Tem uma diferença, o que as pessoas querem que você divulgue é marketing, não é jornalismo.

**03:20 E antes de 2021, antes de você entrar na faculdade, jornalismo era a sua profissão dos sonhos?**

**03:22** Era a minha profissão dos sonhos. Há muito tempo que eu já pensava, tinha um primo que trabalhava na área, adorava ver ele trabalhar até hoje, né? Como diretor da EPTV hoje. Sempre foi, sempre gostei disso. Tem essa coisa também, né? De filmes, tem um glamour também por trás de tudo isso. Acho que a gente já vem com isso gravado assim, sabe? Essa característica, é bacana.

**03:50 E você teria algum caso que gostaria de compartilhar conosco? Algo que você cobriu e que te marcou?**

**03:53** Dia 26, fez sete anos que foi ao ar a entrevista com o Guilherme Longo, o padrasto do menino Joaquim, quando ele confessou que matou a criança no dia dos fatos. Faz sete anos que foi ao ar. Eu acho que talvez.. não, talvez não. Modéstia à parte, mas foi o maior furo que Ribeirão já viu. Por quê? Porque foi um desafio, foi uma matéria que foi muito gratificante.

**04:28 E como foi a cobertura? Como você atuou?**

**04:32** A primeira vez que eu fui à Record para essa minha vaga de trabalho foi no dia 5 de novembro de 2013. Foi o dia que o Joaquim desapareceu. Eu estava saindo da sala do Chico Ferreira, o Balanço Geral, estava entrando no ar, e o Guilherme Campos estava ao vivo, no bairro do menino, contando a história que o Joaquim tinha desaparecido. Então, tem muita coisa muito... Tava muito no destino, sabe? E eu acompanhei, né? Como foi o ano que eu saí da polícia, estava muito próximo ainda de todo mundo. Eu acompanhei a história bem de perto. Acabou que o Guilherme e a Natália foram presos, a Natália ficou, sei lá, acho que 30, 30 dias presa e saiu. O Guilherme ficou, dois anos e pouco, preso. Quando ele saiu, eu vi que ele estava mexendo nas redes sociais dele e eu pedi para adicionar, ele me aceitou como amiga. Ele lembrava de mim, da época que ele estava sendo ouvido na DIG. E a gente começou a conversar nessa época, mas eram frases por dia, assim, sabe? Frases por semana.

Foi bem devagar, foi um processo bem lento, mas em sete meses, a gente manteve contato. E no final desse período, eu consegui que ele gravasse comigo. E ele confessou que matou o menino. Mas não com uma alta dosagem de insulina, como é a tese do Ministério Público. Mas, segundo ele, com o mata-leão, que é o estrangulamento sanguíneo. Basicamente, o resumo da história, foi esse.

**06:00 E como você se sentiu durante esse testemunho dele?**

**06:05** Eu não me lembro que dia da semana. Talvez tenha sido uma quinta-feira. Na quarta-feira à noite, eu tinha saído com uma amiga. Eu estava entrando num barzinho, umas onze horas da noite e ele me mandou uma mensagem no WhatsApp. A gente falava muito pelo WhatsApp, então, eu vi que ele queria conversar. Eram onze horas da noite, aí eu falei que estava entrando no bar, pedi desculpas, que eu não ia poder conversar naquela hora, mas falei que a hora que eu chegasse em casa, eu respondia. E acabou que esse dia, eu enfiei os dois pés na jaca. Era pra ter chegado em casa, tipo, uma e meia da manhã, acabei chegando às quatro, sabe? Meu celular já estava sem bateria, quando eu coloquei pra carregar, e ele viu que eu comecei a receber as mensagens, ele já continuou mandando outras. Então, ele tava on-line, ele estava acordado naquele período e eu vi as mensagens, era ele marcando “Ó, eu topo gravar entrevista, mas tem que ser só você sem sua equipe. O que você acha da gente marcar às sete horas da noite?”, e beleza, peguei o celular, continuei conversando com ele.

Tentei marcar isso pra mais cedo, porque um dia, praticamente, sete horas da noite, dava tempo dele mudar de ideia. Consegui que ele marcasse comigo de manhã, ficou marcado para às nove horas da manhã, num posto de gasolina na rua da Alberto Pajoaba, liguei pro Chico, que era meu chefe, de madrugada pedi uma câmera pra ele. Expliquei pra que que era, passei na Record, peguei a câmera. Fui procurar ele no posto que a gente combinou. Nada. Não apareceu. Mandei mensagem, não dava como entregue. Liguei, ele falou, ó, mudança de plano. Você vem onde eu tô? Eu falei, “Lógico”. Tava esperando essa entrevista fazia sete meses, né? Ele, então, “Vem pra Avenida Brasil. Quando você chegar na Avenida Brasil, você me liga”. Beleza. Avisei o Chico que os planos tinham mudado, só pra ele estar ciente. Cheguei na avenida Brasil, liguei pro Guilherme Longo de novo. Ele falou que estava no Nuance Motel, quarto 23. Eu lembro certinho disso.



Que era pra eu falar que era prima dele e que eu podia entrar. E assim foi feito. Cheguei no motel, sabe aquele portão eletrônico que abre assim de frente, de garagem?

Era isso, só que estava quebrado. Ele estava segurando o portão com a mão. Quando eu entrei com o carro, vi gente passando atrás de mim, usuário de drogas. Já é um lugar que tá com um nível um pouco mais baixo, assim, de frequência. Acho que foi a primeira vez que eu vi que eu estava entrando numa situação perigosa. Não tinha dado tempo de pensar, era tudo muito rápido ali. Foi de madrugada, já era pra ser no posto, não foi mais. Enfim, foi tudo muito rápido. Quando eu entrei no quarto, eu vi dois capacetes, ele estava de moto, foi o segundo momento que eu fiquei preocupada de ter mais alguém ali. Não tinha, mas é um susto, né? Na hora que você entra, especialmente nessa situação toda. E antes da gente começar a gravar, ele me contou toda a história, pra eu depois poder ir guiando com as perguntas e tal. E ele acabou de contar a história, falou que tinha matado o menino.

Eu fiz algumas perguntas pra ele nesse meio tempo, por exemplo. Então, a Natália não sabia mesmo? Só foi descobrir mais pra frente? Ou enfim, ela nem acha ainda que você é culpado?. Ele falou que não.

Se ela soubesse, ele ia ter que matar ela. Então, naquele momento, era outro momento que era muito perigoso pra mim. Porque a qualquer momento que ele mudasse de ideia, eu já tinha ouvido a história e eu corria risco.

Outra coisa foi que eu perguntei se ele tinha se arrependido do que ele fez. E ele falou que sim, que ele tinha se arrependido, porque olha como tava a vida dele naquele momento.

Então, pela situação, né? Eu reforcei a pergunta. Eu falei, “Não, eu tô perguntando se você sente remorso”. E ele falou, “Não. Eu nem entendo o conceito dessa palavra”.

Então, foram alguns dos momentos em que eu vi que eu estava numa situação bem delicada. Eu tinha que trabalhar minha língua, especialmente, né? Não fazer nenhum comentário que fosse ofensivo ou mais duro pra conseguir sair dali com a minha integridade física preservada. Porque conversar com a pessoa pelo WhatsApp é muito mais tranquilo do que cara a cara.

**11:00 E depois que tudo isso aconteceu, que ele contou o testemunho dele, ele chegou a te procurar depois?**

**11:05** Sim, no mesmo dia, ele tentou fazer com que eu voltasse no motel com a desculpa de que era pra ajudar a pagar a conta. Mas, obviamente, eu já não ia voltar. Já tinha deixado até a

gravação na Record. Já não estava mais comigo. Depois disso... Eu acho que era uma quinta mesmo. Porque ele perguntou se podia segurar essa gravação até a segunda. Aí ele queria mais prazo, sabe? Ele já estava tentando fazer com que aquilo não fosse veiculado de alguma maneira. Quando ele viu que não tinha mais conversa, em hora nenhuma, ele foi violento nas palavras. Mas você via que a pessoa estava arrependida. E quando ele viu que não tinha mais jeito de impedir aquilo de ir pro ar... Ele parou de procurar. Ele parou de aparecer. Mas... Você fica tensa, né?

**12:10 E hoje, você contando essa história.. Quando você olha pra trás, teria algo que você teria feito diferente?**

**12:13** Não. Não teria. Acho que a condução das coisas como foram, foi da maneira mais correta que eu podia ter feito. Em hora nenhuma, ele foi enganado. Sabe? Ele sempre soube que antes eu era da polícia, por isso que ele lembrava de mim, mas que eu estava na Record. Ele sempre soube que a minha intenção era uma entrevista. Sabe? Não foi uma coisa que foi forçada. Nesse tempo todo que a gente conversou, quando eu discordava fortemente do que ele dizia, eu só ficava quieta. Mas não precisei mentir, não precisei usar argumentos. É... Não sei te explicar isso direito. Mas eu não precisei usar argumentos que não fossem legítimos pra gente chegar no ponto que a gente chegou de conseguir uma confissão de uma história tão importante, né? Nos últimos anos de Ribeirão.

**12:57 E no início de tudo, quando tudo aconteceu, você foi designada, né? Era a ir atrás dessa pauta ou você foi por conta própria?**

**13:02** Na verdade, Ribeirão inteiro tava nessa pauta. O caso foi em novembro, eles foram presos em fevereiro e o inquérito encerrou em fevereiro. Então por muito tempo, esse foi o assunto mais relevante da cidade. Tava todo mundo ligado nisso, assim. Tava todo mundo... O que fosse furo, o que fosse novidade, todo mundo tava realmente em cima dessa história.

**13:33 E toda essa situação que você passou, que você cobriu, você considera que foi algum tipo de trauma pra você?**

**13:37** Eu não sei te falar exatamente se foi um trauma. Eu sei te falar que as coisas talvez pudessem ter sido conduzidas de uma outra maneira. Por exemplo, a gente teve um tempo pro departamento jurídico analisar a entrevista, as imagens, pro melhor momento, né? Pra ela ir ao ar no melhor momento. Isso pode ser muito interessante pra emissora, mas pode ser péssimo pro jornalista, porque foram onze dias, no meu caso, né? Entre a entrevista ter sido gravada e ela ir ao ar. São onze dias que... Primeiro, você não sabe. Você não sai falando disso pra todo mundo porque é um furo. Então você guarda você e a sua equipe, assim, os mais próximos. Então é tenso. Nesse meio tempo, eu não sabia mais o paradeiro do Guilherme, eu só sabia que ele não queria que a entrevista fosse ao ar. Então, de alguma maneira, eu estava em risco. Porque quem mata um, mata dois. Né? É... Acho que o psicológico da gente nesses dias também... Pelo fato de você ter que ficar quieta. Não que isso seja uma exigência, né? Mas por conta de todo o trabalho, por conta de ser um furo, você vai ficar. Ninguém precisa te pedir. Mas o teu psicológico fica um pouco abalado. Essa situação de você não saber o paradeiro do autor. Um confesso de um homicídio. Depois que foi ao ar, o fato de ser mulher também deixa as pessoas tirarem as conclusões que elas acham que são mais óbvias, mas que certamente não são as mais corretas. Só porque você é mulher. Se fosse um homem que tivesse conseguido a confissão dele num motel... Nossa, ele obviamente é um cara muito corajoso de ter entrado num ambiente fechado com o Guilherme. Mas se é uma mulher, obviamente cedeu pro Guilherme, senão você não teria conseguido uma confissão. Então, é muito fácil para qualquer pessoa julgar pelo fato de ser mulher. Sendo que a gente inclusive na primeira vez que a matéria foi ao ar, a gente mostrou os prints. Sabe? Para as pessoas deixarem de cogitar essas coisas. Pra entenderem que foi uma coisa marcada, agendada, com a nossa equipe sabendo, a nossa coordenação sabendo, pra essa maldade de ser mulher. De as pessoas falarem pelo fato de você ser mulher, roubar alguma coisa da matéria. Sabe? Tirar o brilho do furo.

**16:06 Bom, acredito que essa não foi a primeira cobertura sensível que você participou. Como você se prepara emocionalmente para cobrir eventos tão sensíveis como este?**

**16:10** Eu acho que o legal do jornalismo.. A parte, as matérias pelo menos que eu mais tenho orgulho de ter feito, são aquelas que a família tá assistindo em casa e ela tira a conclusão dela.

Ela não está sendo influenciada por nada? Posso te dar um outro exemplo? A gente fez uma matéria pro Domingo Espetacular, que foi sobre uma adoção à brasileira, que é um caso aqui da região, de uma menina que hoje, pelo menos a época, ela estava com a família adotiva e ela fugiu com a mãe adotiva. E ela escreveu uma carta para o juiz. Pedindo pra ficar com a mãe adotiva. Então tem uma briga na justiça da família biológica, com a família adotiva. Na época ela devia estar com 16 anos, talvez e a gente ouviu as duas famílias e a menina. E ao final você não sabe qual é a minha opinião como produtora ou qual é a opinião do Raul Dias, que foi o repórter. Saca? É aquela coisa que gera uma discussão, se você tá assistindo com a tua prima, com a tua mãe, com os seus pais, você consegue discutir aquilo, com os elementos que foram dados, mas você não foi influenciada ou tomou uma decisão. E eu acho que isso é a maior característica do jornalismo. É apresentar os fatos. Não é te influenciar nada. Tipo, nesse caso do Guilherme, é mais fácil chegar a uma conclusão, porque ele está verbalizando que ele matou, mostrando como ele matou. Contando detalhes da situação. Mas nas outras coberturas em si, eu acho que ter pontos de vista diferentes... Ter o réu e ter a vítima, ter o MP e ter o outro lado, são coisas óbvias. Né?

No fim das contas, você não tem como contar uma história com um ponto de vista só. Eu acho que isso... É a grande magia do jornalismo.

**18:50 Juliana. E focando agora nesse caso do Joaquim. Né? Como que você equilibra a necessidade de informar o público. Com a sensibilidade do sofrimento das pessoas envolvidas.**

**18:53** Nesse caso específico, como são duas pessoas que estão sendo acusadas pelo homicídio.. Porque até está chegando, no próximo dia 16 começa o júri do Guilherme e da Natália, então são dois acusados: O padrasto. Que foi quem confessou pra gente. E a mãe. No caso dele confessar. Também tem o pai biológico da criança. Né? Óbvio que pra ele, também é dolorido ouvir isso. Mas eu acho que quando a pessoa, no caso Guilherme nega, joga a culpa em terceiros: “Alguém pulou o portão. Alguém levou a criança”. A dúvida acaba sendo pior, no caso da Natália. Não é que a confissão, inocente ela, mas a confissão ajuda. A confissão dá caminhos para que a pessoa, a MP, os advogados, a polícia.. Possam apurar, se ela teve participação, ou não. Então nesse caso, não teria como omitir, ele contando a história... Porque tem mais gente envolvida. Que. Sim. Muitas pessoas vão se entristecer

mais ouvindo a história. Mas outras pessoas precisam, que a verdade apareça. Sabe? Tem mais gente sendo acusada. Por isso que é o fato que eu te falei do interesse público. Né? Da relevância, da liberdade, da história. Tem um julgamento que agora, dez anos depois do crime, que vai acontecer. Então, quanto mais coisas aparecem pra mostrar a verdade. É relevante, é de interesse da população, é de interesse de quem está sendo acusado. No caso, não o Guilherme, ele está confessando, mas da Natália. Do pai do Joaquim também. Você tem o direito de saber o que aconteceu com seu filho. Eu acho que não saber é pior. Ou ouvir uma história mentirosa é pior. Pra quem tá de fora, infelizmente também.

Porque hoje em dia, o número de mães solo é muito grande. E a gente teme sempre por quem a gente vai namorar, vai colocar dentro de casa. Então querendo ou não, a gente tem que saber que o mundo não é um balão mágico, se a pessoa faz isso com seu filho, corta. Você tem que dar base para as pessoas também identificarem. Porque um psicopata, um assassino, não tá escrito na testa. Ninguém imagina que isso vai acontecer. Mas pode ser que aconteça com qualquer um de nós.

**21:27 Como o apoio da equipe, a cultura da redação e o ambiente de trabalho. Podem influenciar a forma como os jornalistas lidam com o trauma?**

**21:31** Eu acho que influencia bastante. Até pode parecer que não, na hora tem coisas que você vai entender melhor mais para frente. Porque, é o que eu te falei no meio do caminho pode acontecer N coisas. Você pode ser julgada de um jeito diferente por ser mulher, ou alguém questionar o que você está falando, porque é de outra emissora. Enfim, tem N situações que podem acontecer e tem pessoas que estão ali do seu lado trabalhando com você, que vão saber o dia que você está diferente, o dia que você está mais preocupada, mais chateada, o dia que você precisa de uma folga, precisa dar um tempo para a cabeça. Faz muita diferença.

**22:31 E como você. Vê a importância. De compartilhar. Suas experiências. Com outros. Jornalistas.**

**22:33** Ah, eu espero que a gente aprenda muito ouvindo as histórias, para a gente saber, tentar se planejar para quando for a nossa vez. O jornalismo é uma caixinha de surpresa. Isso é uma máxima, sempre vai ter várias situações que vão fugir do nosso controle. E exemplo de coisas

que te trazem um pouco mais de calma, de vivências sabe. De deixar a pessoa falar, talvez do lado que você acha que seja mais certo. Sabe, abrir mesmo para a pessoa que está confiando a história dela para você. Eu acho que isso te dá mais credibilidade. Mais jogo de cintura para entrar e sair de qualquer situação. E antes de qualquer coisa, você vai ter o seu julgamento próprio de qualquer situação que você vê na sua vida. Mas não vai tentar jogar isso para sua matéria. Deixa sempre a possibilidade das pessoas fazerem o próprio entendimento, as próprias conclusões. Mantenha sempre a calma e deixe seu entrevistado falar. Os argumentos são deles e não nosso.

**24:02 Existe algo que você gostaria que o público em geral soubesse sobre os desafios emocionais enfrentados pelo jornalista?**

**24:06** Eu vou usar de novo o exemplo do Guilherme Longo. Porque foi o que a gente mais falou também né. Acho que alguém que assista a confissão dele, pode se perguntar como que eu consegui ficar quieta ouvindo a confissão dele. Eu acho que é isso é amor à profissão, sabe? Mas o interesse de fazer com que as pessoas saibam da história do mesmo jeito que eu, é a gente se preservar ali na hora para que elas possam ter as emoções delas. Não é uma situação fácil não é uma coisa tranquila de fazer, ouvir um cara falar que matou um menino de três anos estrangulando ele depois jogou o corpo no rio e tem que ficar fazendo cara de paisagem, não é uma coisa tranquila de se fazer, mas a gente tenta fazer isso na hora, para que eles possam ouvir a história inteira e ter a ocorrência de que eles gostariam de ter em casa ou talvez a que eu gostaria de ter em casa, mas que se eu tivesse ali naquela hora a entrevista não ia acontecer entendi então não é fácil apurar, não é fácil é e atrás de outras versões, não é fácil. O jornalismo não é uma profissão fácil é aquilo que a gente falou no começo não é, só pelo contrário, é tomar chuva, tomar sol não tem hora para dormir sabe? Mas vale muito a pena quando você vê uma matéria com várias vertentes da história, sabe? Com várias fontes diferentes, com vários ângulos, vários pontos de vista e que você entenda que seja matéria imparcial, é extremamente gratificante”

**26:09 Juliana, teria algo que você gostaria de dizer ao público? Algum comentário ou história?**

**26:12** Eu vou te falar, eu já tinha ouvido falar do projeto e eu já tinha me apaixonado porque eu acho que faz muita diferença mesmo. A gente ouvir os exemplos, sabe? Eu conheci o saulogomes na época que eu estava na Record ele faleceu recentemente bem velhinho, mas ele é um dos maiores repórteres investigativos do Brasil e ele era de Ribeirão e teve um dia, também por conta da história do guilherme que ele foi a Record e pediu para me conhecer.. E cara aquilo foi uma honra, porque era uma pessoa que eu ouvi as histórias na época da minha faculdade, pensa! Foi uma honra, foi prazer, foi nossa.. Era uma lenda viva o cara, né? E muitas das coisas que eu tento trazer para o jeito que eu trabalho eu tirei de histórias dele, por exemplo. Então eu acho que é muito mais fácil a gente aprender ouvindo mesmo e tendo exemplos, do que quebrando a cara, do que indo por caminhos mais difíceis. Como tem essa questão, de ter passado por uma situação mais difícil, são erros que as pessoas podem não repetir. Sabe, são situações que a gente pode não repetir. Hoje em dia essa geração que está se formando, que está indo para o mercado de trabalho, entende isso de uma maneira mais fácil. Mas vocês não vão trabalhar com essas pessoas que estão passando por isso, mas a gente não necessariamente precisa estar passando por isso, ainda sabe. Eu acho legal que as pessoas ouçam, para quando elas enxergarem uma situação dessa “ Ah, mas tá falando assim porque é mulher” porque a mulher pode evitar esse tipo de julgamento antes disso. No psicológico de quem é mulher vai ser uma vantagem incrível. Foram pouquíssimas vezes que eu soube de pessoas que quiseram colocar esse peso nas coisas, “ah conseguiu porque estava no motel” como se eu tivesse transado com o cara, o que não existe a menor possibilidade de ter acontecido. Mas foram pessoas do jornalismo, foram pouquíssimas situações mas foram muito pesadas pra mim , sabe? Eram pessoas que eu conhecia que eu trabalhei junto, não na Record, mas na gravação de outras emissoras. Mas foi muito doído eu não esperava que em 2016 eu pudesse passar por esse tipo de coisa. Sabe que o exemplo que eu te dou, se fosse um cara no lugar nosso “Que cara foda. Corajoso! Sabe amigão, se não fosse você”. Ninguém pensa em fazer isso, são situações que em 2023 a gente poderia estar vivendo um pouco menos. Ainda tem que ser combatido e ainda te falando só do jornalismo, sabe? Em qualquer situação a gente ainda vive com essa espada machista nas costas para muita coisa mulher ganhar a menos mulher, se promove muito depois do que os homens, sabe? Você pode estar fazendo 30 pautas ao mesmo tempo, você não vai ter o mesmo valor a mesma contrapartida do que um cara.. É complicado e tem que ser dito para as pessoas prestarem mais atenção a gente tem uma geração que está se mostrando aí muito mais aberto para enxergar esse tipo de

coisa e não repetir mas é o que eu te falei, os outros profissionais que já estão na área que vão continuar na área, o público ainda existe uma mentalidade que tem que ser combatida e o profissional, está cobrindo um negócio violento... Teve um ataque na Protege, que eu estava de carro atrás de imagem, 3 horas da manhã! Dei de cara com os traficantes, estourei o pneu do carro. O traficante me mandou voltar no meio da rotatória, com 3 caras com 3 fuzil na mão.. e aí a tua emissora te dá um apoio? Alguém vai falar com você no dia seguinte? Vai perguntar se você está bem se você está abalado? Então são questões que a medida que as apurações que você faz ou que os factuais que você vai cobrir acontecimentos tem que ter esse tipo de apoio para quem está cobrindo. Eu sei que a gente está terminando, já terminou, mas vou te colocar uma outra coisa rapidinha. Companheiro matou a mulher, eu fui cobrir o enterro dela no bom pastor e estava o filho chorando.. Cara um menininho de 3 anos chorando, você ouvia ele de muito longe. A gente foi fazer a matéria, as imagens de longe também era só pra cobrir sabe.. Eu cheguei na redação, eu chorava igual ao menino. Aquele menino chorando, ele tocou muito o meu coração, a dor dele tocou muito o meu coração. Seria um factual corriqueiro porque isso infelizmente também acontece todo dia, mas você está preparado? Você pode estar 360 dias no ano, mas vão ter 5 que não. Aquele era o meu dia que não. Você tem um apoio da sua emissora? Ou você tem que engolir o choro voltar para a pauta dia seguinte você está ali de novo mas são coisas que você vai acumulando sabe são dores que você vai colocar na sua bagagem e elas estão ali em algum momento você precisa tratar aquilo. Então ter esse apoio, eu acho que hoje cada vez mais também é fundamental, também tem que ter. O jornalismo está ali para cobrir coisas, que é o que eu falei também no começo, não é propaganda, são coisas relevantes ou são fatos de política que mexem profundamente com a vida do ou cidadão, ou são fatos de polícia que pela relevância são coisas bizarras que ninguém quer que acontece na sua própria família, mas você está ali perto acompanhando, você está levando aquela energia para você. E enfim geralmente não são assuntos bons, é difícil você ter um jornal com notícias positivas, a maioria são coisas duras então ter esse acompanhamento eu acho que ele é relevante, é uma coisa que deve ser pensada sabe, e ser introduzida o quanto antes. E eu não vejo ninguém falar disso ainda, não vejo ninguém falar disso. Com certeza é algo que ninguém ouve ninguém comenta as pessoas guardam para si lembra que eu te falei lá no começo assim eu vejo eu me enxergo que as redações estão cada vez mais enxutas se eu tenho uma explicação exata para isso não mas está faltando investir no jornalismo sim em todas as emissoras se você puxou no último ano nos



últimos dois anos as notícias de demissão em massa nos maiores veículos do país elas são frequentes já então você tem o mesmo tempo de jornal você tem o mesmo tempo de feed para cobrir mas com menos profissionais você está exigindo mais esses profissionais mais. 33:45 Lembra que eu te falei lá no começo assim, eu vejo eu enxergo que as redações estão cada vez mais enxutas? Eu não tenho uma explicação exata para isso não, mas está faltando investimento no jornalismo, sim em todas as emissoras. Se você puxar nos últimos dois anos as notícias de demissão em massa nos maiores veículos do país elas são frequentes, já então você tem o mesmo tempo de jornal você tem o mesmo tempo de feed para cobrir mas com menos profissionais. Você está exigindo mais desses profissionais mas com muito menos tempo para apurar, para fazer, para descanso, enfim, como eu te falei como as notícias hoje, com as redes sociais elas estão muito mais rápidas, você não pode ficar para trás. O nível de stress do jornalista é muito maior, a quantidade de trabalho que ele tem para apurar é muito maior, a quantidade de tragédia que ele tem para cobrir.. Porque se fosse em 50 numa redação.. Hoje são 15, então se eu teria que ver vai.. Um jeito muito chulo de falar, mas para ficar fácil de entender se eu tivesse que pegar cinco histórias difíceis na semana uma segunda, uma terça, uma quarta, uma quinta, uma sexta.. Hoje você tem que pegar três. E essa bagagem é tua, o que você viveu ali, o que você viu ali, você não esquece você está carregando então o teu emocional ele precisa ser cuidado porque diferente de dez anos atrás, esses profissionais estão tendo que absorver muito mais coisa, lidar com muito mais coisa. Não é só a pressão do tempo, porque isso sempre houve, mas essa tensão da apuração, a rapidez da apuração, a carga que você está carregando, hoje sem querer desmerecer os jornalistas de dez anos atrás, mas ela é maior, a velocidade de conteúdo que chega tem que ser cuidado. Não tem alguém que aguentasse isso e não se esgote em algum momento você vai sentir ou você vai render menos ou você vai ter um burnout, ou você em algum momento vai desferrar tudo isso que você está guardando com os teus mais próximos, que é com quem a gente acaba tendo mais liberdade e erroneamente a gente acaba desabafando ou você infarta. Sabe é uma coisa que tem que ser cuidado também nas redações mas é uma coisa que também tem que ser dita porque se as empresas os veículos estão fazendo de tudo para enxugar, não vai ser numa boa que eles vão contratar alguém para ajudar o funcionário mas deveria deveria, conforme vai tirando gente você vai pegando o trabalho de alguém para fazer então fica muito sobrecarregado mesmo, todo mundo. Não tem um jornalista que seja uma pessoa tranquila, calma, não tem, porque é muita coisa. Você pode estar na sua folga, mas você está prestando atenção no whatsapp para

ver se não está chegando uma informação relevante, ou você viu um factual está passando para a sua equipe jornalista, não tem descanso está sempre atrás de alguma coisa.

### **Decupagem 3**

**Entrevistado:** Marília Valente, jornalista formada em 2005 e atualmente é editora de rede da EPTV.

**Data de realização:** 10/10/2023

**Horário da entrevista:** 20h30

**Via:** Google Meet

#### **00:44 Poderia nos contar um pouco sobre você e sua trajetória no jornalismo?**

**00:51** Então, eu me formei em 2005, né? Eu fui estagiária da EPTV durante todo esse ano de 2005 e depois eu voltei no final de 2006 para a TV, como temporária até ser efetivada. Na verdade, no início da minha carreira, eu fiz estágio na TV, mas eu sempre queria impresso. Eu queria seguir pela área do impresso, porque era uma coisa que eu gostava muito de escrever, sempre algo que eu imaginei que fosse para minha vida. Mas, eu fiz o estágio na EPTV e daí, quando eu voltei eu trabalhei num jornal aqui em Brodowski, que eu moro em Brodowski. Comecei em um jornal impresso aqui, depois eu fui chamado para ser temporário na EPTV e acabei sendo efetivada. Eu comecei lá como produtora dos VTs locais, depois eu passei a ser produtora de rede, eu comecei a cuidar das reportagens que vão para a Rede Globo, que é Jornal Nacional, Bom Dia Brasil, Jornal Hoje.. Então, eu cuidei dessas produções. Eu ofereço as pautas para esses jornais de rede, depois de um tempo, passei a ser coordenadora de produção, né? Que é coordenar toda a produção, como materiais que valem, encaminhar as pautas, supervisionar a pauta, encaminhar os produtores, né? E aí, eu fiquei durante um bom tempo, nessa área de produção. E depois, pedi para ir para a edição de texto, para ver se tinha uma oportunidade para a edição de texto. Eu fui para a edição de texto e voltei a coordenar a rede, então hoje, estou na edição de texto. Eu sou editora de rede, de texto, editora do local, coordeno os links também, né? O que é coordenar os links? É você coordenar os relatórios

que estão ao vivo, na primeira edição. Então, todos os relatórios que ambos, eu fico coordenando e também produzindo, ainda... Eu adoro produzir. Ainda produzo os programas do Globo Repórter... Quando a gente faz os programas internacionais, ou programas nacionais, sou eu quem produzo aqui em Ribeirão também. E continuo atendendo a rede. Todos os jornais de rede também, às vezes produzidos, mas eu mais edito e ofereço pauta. Resumindo, é isso a minha vida, que eu pensei que fosse para o impresso, mas acabei me apaixonando pela TV. E estou até hoje em televisão. Mas não gosto de aparecer, eu sou nos bastidores mesmo.

**03:32 Então, você está bem ligado nas pautas a todo tempo. Tudo o que é notícia?**

03:36. O dia é tudo. É, assim... Ainda mais o que acontece, o que não tinha antigamente, que tem hoje, é o WhatsApp. Esse WhatsApp é o dia todo, a gente tem um grupo né da EPTV com todo Mundo da TV, da rádio, do A Cidade On, é do grupo EP. E tem um grupo de produção também, dos editores. Mas esse grupo do tudo EP, é onde são compartilhadas as notícias que vão chegando, né? Então, o tempo todo, estou ligado para saber o que está acontecendo, para ver o que ofereço para a rede, para ver o que vai ser no dia seguinte. Você tem que saber o que está acontecendo. Eu tenho o aplicativo do G1 e outros jornais aqui também, que ficam mandando as notícias o dia todo. Além desses aplicativos, eu tenho o G1 Comunidade agora, que o G1 tem também, então estou nessa comunidade também, vendo tudo o que acontece. Porque, por exemplo, está acontecendo a guerra em Israel.. Palestina e Israel. Será que tem alguém de Ribeirão? A gente já sabe que tem brasileiro. A gente já tem que começar a levantar essas informações. Tem que ficar esperto para ver o que está acontecendo, porque tem pauta nacional que pode cair aqui. Por exemplo, já tivemos vários casos de guerra em outros países, que tem gente de Ribeirão lá, ou que eu iria viajar para lá, sabe? Que aí a gente acaba trazendo isso para o jornalismo local.

**05:09 Marília, você teria algum caso, assim, ao longo de sua carreira, que você gostaria de compartilhar conosco? Algo que você cobriu, que te marcou?**

05:18 Olha, tem vários casos que a gente fez. Mas de factual que o que acontece lá na hora, teve um caso de um frentista que foi atropelado dentro de um posto em Ribeirão Preto. Isso

marcou muito a gente. Teve câmara de segurança e mostrou todo o momento. Aquilo foi uma primeira mão grande na redação e que me marcou muito. Greve dos caminhoneiros que teve, que se parou tudo, parou toda a região, tipo, não tinha combustível nos postos. As pessoas não conseguem fazer nada, né? Porque estava tudo errado, parou toda a região, parou o Brasil. Além das nossas equipes sendo ameaçadas várias vezes de cobertura. A gente entrou ao vivo durante muito tempo no jornal. Eu coordenei vários links, um seguido do outro, foi muito pesado naquela época, porque interferia na vida de muita gente, na nossa, inclusive. É... A pandemia é marcante. A gente teve que dividir as equipes, a equipe da manhã não se encontrava com a equipe da tarde, foi um período de estresse muito grande, porque nós convivíamos... Assim, era tudo muito incerto. Não sabíamos o que estava acontecendo direito. Aí começaram os hospitais a lotar, coletivas todos os dias de números de internação e a gente acompanhando isso todos os dias. E a gente tinha que trabalhar, porque era considerado serviço essencial. Então, a gente tinha muito medo de que pudesse vir, a gente não tinha opção, muita gente conversou que não estava assistindo televisão. A gente não tem essa opção, sabe? Então, a gente ficou dia e noite vendo tudo acontecer, tendo que notar muita coisa. E pessoas ao nosso redor, sendo internadas. Amigos, conhecidos que morreram. Então, assim, quando a gente sabe muito... Eu tenho uma mania de dizer assim... O jornalista, ele tem um pouco de informação de tudo, não que ele saiba tudo, longe de nós. A gente busca saber, óbvio, mas a gente tem muita informação de tudo, inclusive de bastidores, que muitas vezes, ficam para a gente. Então, a gente meio que fica neurótico, sabe? A minha filha fala... “Mãe, você é neurótica, você é paranóica”.. Mas é porque você tem muita informação. E, às vezes, ter muita informação meio que te prejudica nesse sentido. Porque você fica receoso, você fica preocupado. Existe uma preocupação exagerada em alguns aspectos, então, a pandemia foi uma cobertura também cansativa. Sabe? Exausta, separação de equipe, medo de se contaminar, então assim, foi muito pesado. Eu desenvolvi uma síndrome do intestino irritável, que é totalmente emocional e eu acho que não só eu, muitas pessoas tiveram problemas de ansiedade. Eu desenvolvi essa síndrome do intestino irritável, que é uma dor que você tem na barriga.. dores e dores e dores. Você tem que controlar sua alimentação, controlar sua emoção para poder evitar isso, porque não tem cura. É um tratamento que você faz com a alimentação e controlando a sua ansiedade. Então, isso foi tudo da pandemia, não só do trabalho em si, acho que juntou tudo. E assim, a questão de você saber, ter muita informação... Vou dar um exemplo para você, durante muito tempo quando eu estava na coordenação da produção, eu

lia os boletins de ocorrência todos os dias. Para ver o que dava link, o que dava VT, o que dava matéria. Então, tem muitos casos, até hoje eu leio, a gente lê de manhã, tem reunião de pauta... Tem muitos casos de roubos, de pessoas sendo assaltadas, pessoas com moto, motociclistas.. Quando eu paro no semáforo, se para uma moto do meu lado eu já fico em alerta, tenho medo, acho que é bandido, acho que vou ser assaltada... Então, você fica mais alerta em várias situações. Eu não sei se estou respondendo o que você queria, então, assim, todas as coberturas que você vê, que você marca.. Esse tipo de matéria que a gente sempre faz muito, de assalto, que fica marcado, que você sabe que tem sempre.. você fica esperto. Você fica em alerta o tempo todo. Por exemplo, eu não vou no centro de Ribeirão Preto com a minha correntinha de ouro, com meu brinco de ouro, jamais faço isso. Um dia eu fui com meu marido fazer a revisão do meu carro, eu tinha que andar uns quarteirões para a gente ir em um restaurante e eu estava com a minha correntinha. Eu voltei, tirei minha correntinha, guardei no carro e fui. Eu não ando com bolsa no centro de Ribeirão, porque eu já fiz muita matéria que mostra que tem muito assalto.. A minha filha brinca: “Mãe, você fica muito doida”. Minha filha vai sair com os amigos, carro na estrada “não bebe, não dirige” tenho medo de acidente porque eu vejo muitos casos disso. Durante todo esse tempo de cobertura, muitas coisas que sempre acontecem com frequência, que você sempre cobre, você fica em alerta, você fica com medo. É o fato de você ter muita informação. É... E aí aquela questão, você evita, você fica com o pé lá e outro cá. Sempre.

**11:17 E pensando em tudo agora, tanto na questão da pandemia, quanto a questão do dia a dia de muito assalto, cobrir muito homicídio... Você acha que essas questões foram situações traumáticas pra você?**

**11:32** Então... Eu não sei se é trauma, mas é isso, sabe? Medo de várias coisas, então, por exemplo: Na pandemia, enquanto muitos dos meus amigos estavam saindo escondidos, não usavam máscara.. Eu fiquei com medo, eu não saía sem máscara. Porque eu conversei muito com os médicos, eles conhecem muito dos riscos. Vi aquelas pessoas internadas, então eu acho que você fica mais em alerta e com medo. Eu acho que trauma... Pode ser uma questão do motoqueiro.. Se eu vejo, se eu parar no semáforo e tem um motoqueiro do meu lado, meu coração acelera e eu fico com medo. Eu não paro a noite, se é um lugar que eu sei que está escuro, eu tenho medo, eu não paro, me dá batedeira. Talvez seja isso, essa questão de assalto,

de muito cobrir isso, talvez isso seja um trauma, porque eu não paro em lugar nenhum. Eu tenho medo de ser assaltada principalmente com moto, por ser muito frequente, eu acho que isso causou em mim um medo a mais. E não é só isso, com os meus filhos. Maria Eduarda, vou dar um exemplo, a gente descobriu uma vez um caso de uma criança que foi estuprada por um professor de equitação que estava andando de cavalo. Em uma zona rural aqui na região, aquilo ficou muito marcado.. E aí a gente foi passear em um hotel fazenda, chegou lá, ela queria passear. Minha filha tinha uns 12 anos, ela queria andar a cavalo e o cara falou “Ela vai andar a cavalo, a gente vai dar uma volta com ela”, eu falei, ela vai sozinha? “Eu vou com ela puxando o cavalo” “Mas vai entrar no meio da fazenda sozinha?” “Sim” ele disse. “Eu não posso ir?” “Não” ele falou. Eu lembro direitinho, eu não deixei minha filha ir sozinha com ele, porque eu falei “Eu não sei o que vai acontecer”. Eu já sei casos que aconteceram, aquele caso que eu cobri gerou em mim um medo que eu falei “não vai”. Ela chorou 3 horas seguidas e não foi, porque eu não deixei. Ai meu marido “Nossa, mas o que que tem?”, acaba trazendo alguns problemas para minha família e para mim, por eu cobrir certas coisas e saber que pode acontecer. É o que eu te falei, me deixa muito mais em alerta em alguns sentidos, por medo de saber que pode acontecer isso, que pode acontecer aquilo. De conviver muito com esse tipo de notícia ruim.

**14:34 Se você não fosse jornalista, você acredita que estaria vivenciando todas essas questões da sua vida, de uma forma diferente?**

**14:43** Eu acho que seria diferente, muito diferente por base que eu tenho de colegas, amigos e minha própria família. Porque parece que eu sempre estou vendo uma coisa a mais ali na história. Uma coisa que o jornalismo ensina muito, eu desconfio de muita coisa. A gente sempre desconfia, a questão do golpe que a gente faz muita questão, muita pauta de golpe. Se eu não fosse jornalista, várias pessoas da minha família teriam caído em golpe, porque de eu ficar falando em grupo “Não faça isso, a gente fez uma matéria assim”. Eu aluguei um rancho recentemente, para uma família inteira, ficou na minha responsabilidade. A moça é de uma corretora lá de Rifaina, tudo certinho e eu tinha que fazer uma transferência de um grande valor para ela. Porque é um rancho grande com várias pessoas. E ela só falou comigo no Whatsapp, não passei todos os dados. Eu falei “E se for um golpe?”.

Eu não vou arriscar toda a minha família, o dinheiro todo. E falei “Fulana, eu preciso te ligar”. Ela falou que eu poderia ligar. “Mas eu preciso fazer uma conexão de vídeo com você. Eu preciso saber se você existe. Quem você é. Eu preciso de dados seus, eu sou jornalista, eu já te explico, eu já fiz muita cobertura de golpe. E eu tenho medo”. Ela falou tudo bem, fiz uma conexão de vídeo, ela me passou os dados dela, eu fui no Facebook, investiguei a vida dela, eu fui no Instagram. Porque? Porque sou jornalista. Você fica muito mais ligado, eu falei. “Eu editei uma matéria do cara que caiu no golpe. Eu não vou cair no golpe”. Então, eu fiquei em alerta. Meu marido estava comprando um caminhão, viu na internet para comprar em São Paulo. Eu investiguei todos que ele ligou, todos foram golpes e passei essa pauta inclusive para o Fantástico. Virou pauta essa matéria porque eu desconfiei, eu falei “Não, está errado”. Eu investiguei o mundo todo e descobri que meu marido já estava caindo no golpe e eu não deixei ele entrar no golpe. Se eu não fosse jornalista eu não faria isso. A gente tem essa questão do faro que a profissão te traz, de investigar, de ficar desconfiado. Então isso é da minha profissão, então eu já vou procurar. Eu sou uma rata na internet, eu acho muita gente, eu consigo buscar coisas de várias maneiras, eu sei o caminho das pedras, vamos dizer assim. Mas isso por conta da minha experiência como jornalista, claro. Então toda essa cobertura que a gente faz no dia a dia, isso é frequente, pautas que sempre acontecem. Não vou dizer que nunca vou cair no golpe, que isso vai evitar que eu também seja vítima, claro que não. Vários jornalistas são, mas isso ajuda a evitar, sabe? Me ajuda a prevenir um pouco mais. Não que eu não vá cair, não vou ser prepotente, mas eu consigo enxergar um pouco mais. E tentar prevenir que algumas coisas ruins possam acontecer. Mas eu acho que isso é da profissão.

**18:14 E sobre segurança. Em algum momento você parou para pensar. Na questão da sua família. Na sua segurança pessoal.**

**18:23** Sim, sim. Inclusive a gente desistiu. Um repórter da TV que fazia muita pauta investigativa, fazendo uma matéria que envolvia tráfico de drogas e a gente fez reuniões com a polícia. A gente tinha flagrantes e aí o delegado na época, isso faz muito tempo, a Polícia Federal falou “Olha onde vocês estão pensando em entrar, eles têm armamento que derruba helicóptero”. Mas mesmo distante, alugar uma van. Enfim, várias técnicas e ele falou. “Olha, vocês podem fazer. A gente pode dar suporte. Mas é um risco”. A gente tinha várias coisas na mão, e eu falei “Eu não quero. Melhor a gente deixar quieto”. Fizemos reunião inclusive com

a diretoria, com todo mundo por questões de segurança, a gente já desistiu obviamente. Porque primeiro que era algo que não era nada tão grandioso assim, uma gente que preserva a segurança de todo o mundo. E questão de segurança de equipe, manifestações na época de ônibus a gente teve muita cobertura de manifestação em Ribeirão, de vários casos. Na época do movimento passe livre. Aí teve inclusive, que em alguma outra manifestação, que eu não sei se foi aquela que teve atropelamento de um estudante, que ele morreu, teve o caso do estudante que morreu nessa manifestação. A gente morre de medo, as nossas equipes ficaram no alto de prédios, não ficaram embaixo porque as equipes eram agredidas. Durante a cobertura das eleições a gente prezou muito pela segurança de todos. É que como eu fico na redação, a gente teme pelos que estão na rua. Então a gente sempre fica o tempo todo em alerta, olha com cuidado, então os repórteres trabalharam com medo, durante muito tempo por conta dessa questão de eleição, foi muito extremo dos dois lados. Então o jornalista, sofreu muito durante essa cobertura infelizmente. Então muitas coisas a gente deixou de ir, de mandar repórter e mandava às vezes um produtor, que não aparece no vídeo, porque ninguém reconhecia para não correr o risco. E mesmo assim à distância, sempre distante. A cobertura da manifestação era do alto. Não descia. Para não correr nenhum risco. Sempre assim. Com relação a isso a TV sempre prezou muito pela segurança dos funcionários.

E eu imagino que todos os grandes veículos de comunicação também prezam por isso. Então, a partir do momento que coloca em risco a segurança da equipe, a gente para.

**21:16 O jornalista tem acesso a cenas sem censura e a áudios também. Como você lida com a saúde mental diante desses casos?**

**21:28** Eu não vejo. Eu evitei muito, porque eu fico com aquilo na cabeça. E assim recentemente, esse ano inclusive, no grupo mesmo teve um vídeo de um bebê todo queimado. Um bebezinho que morreu queimado com o rostinho todo e eu abri sem querer porque eu não sabia. Sabe quando você vai baixar o vídeo? Menina eu fiquei muito ruim, fiquei muito mal, eu não gosto de ver isso. Tipo, tem acidente que tem sangue eu já passo direto, não fico olhando, porque é o que você falou.

No bruto, que a gente chama de material bruto, a gente vê aquilo, a gente vê a imagem sem borrar, sem nada. Esses dias mesmo, teve um caso de um cara que aconteceu, que foi baleado, e ele machucou o braço, ele não era nem tão grave, mas tinha foto do machucado.



Eu falei para o meu chefe “Eu não vou botar essa foto no ar. Está me incomodando ver essa imagem. Então me incomodou, imagina o telespectador. Não precisamos disso”. E não botamos no ar a foto. Então sim, me deixa mal. O caso do menino Joaquim que teve, que foi morto e o principal suspeito é o padrasto dele, acusado de matar e jogar no rio.

Quando encontraram o corpo dele eu estava de folga, num domingo, na beira da piscina. Tinha acabado de entrar na casa da minha mãe, para entrar na piscina, meu telefone toca “Acabaram de encontrar o corpo do Joaquim, tem que vir trabalhar. A rede vai querer”. Eu me vesti, mais que depressa e fui. Cheguei lá tinha uma imagem dele, retirando o corpo dele do rio e botando no caixãozinho. Eu vi de longe e já me senti mal. Não quero ver essa imagem. Então assim. Muitas vezes você acaba vendo e isso não me faz bem. É algo que eu não gosto. Eu evito.

**23:43 E teve algum caso que você ficou muito pensativa, ou que dias depois chegou a te travar?**

**21:52** Sim. Aquela hora que você me perguntou, acabei me esquecendo.. São tantos casos, a cobertura do Joaquim, da morte dele, é algo que marcou muito em todo o mundo. Acho que todos nós lá na redação porque, ainda mais que minha filha.. Quem tem filho na idade, você fica muito mais sensível com relação a essas coisas. Então assim, é algo que a gente não acreditava, deixou todo mundo muito estarecido, muito triste, marcou pra caramba. Teve a chacina em Franca também, uma família inteira foi morta, foi muito puxado. A gruta... As pessoas que morreram na gruta de Altinópolis, também foi uma cobertura cansativa para caramba, triste, várias pessoas morreram. Foi um local de difícil acesso para os repórteres que estavam lá, ficaram horas trabalhando nisso, nós também ficamos na redação, então assim e durante essa cobertura, além do cansaço mental, porque nosso trabalho é intelectual, você tem que trabalhar muito... Durante essas coberturas, tem essa questão de te fazer mal. Você vem para casa meio mal, nossa que coisa ruim, quantas pessoas morreram. Essa do ônibus recente mesmo, que várias pessoas que foram rezar estava voltando.. Podia ser minha mãe, podia ser eu nesse ônibus e aí fica aquele clima na redação, todo mundo triste. Primeiro vem aquela adrenalina, vamos cobrir, vai fazer link. Aquela divisão de tarefas. É tudo muito corrido. Depois a situação vai normalizando. Mas depois do jornal, aquela adrenalina, você vai pensar “Nossa que coisa triste”. Logo já vem outra notícia, você não fica presa muito nisso, logo vem

outra. E você tem que saber administrar isso, porque você vai ficar pensando muito. Isso vai te fazer muito mal, você não vai conseguir trabalhar, é algo que a gente consegue hoje administrar. Esses conflitos, essa tristeza. Porque no outro dia, já é outro dia. Já é outro jornalismo. Já aconteceu outra coisa. Não é todo dia a mesma coisa. Não é aquela rotina. Já está se envolvendo em outra notícia e a outra já passou. Mas é óbvio, alguns marcam mais, outros menos e por aí vai.

**26:29 E você acredita que o apoio da equipe e cultura da redação pode ajudar o jornalista no dia a dia?**

**26:38** Claro. Trabalho em televisão é trabalho em equipe total. Nenhuma matéria vai para o ar sem ter um trabalho de equipe bem feito. Link...Estou falando de TV, tá? A minha área é muito equipe, desde o produtor que está pensando na pauta, fazendo uma pauta, aí vai para o repórter, para o cinegrafista, inclusive para o motorista que às vezes vai junto. Aí depois vem para o editor de texto, que vai editar essa matéria, depois vem para o editor de imagem que vai cobrir e o editor fechador que vai ver. Então assim, uma matéria que você vê no ar às vezes de 3, 4 minutos, viu quantas pessoas participaram? Tem o produtor que fez a pauta, o repórter que fez junto com o cinegrafista, às vezes foi auxiliar junto pra fazer iluminação, aí ele chega e vai passar o texto com o editor de texto que vai montar essa matéria e editar as entrevistas. Aí o editor de imagem vai lá cobrir isso, o editor vai lá fazer a página desse VT. O editor fechador vai assistir, o chefe vai assistir para o VT ir para o ar. Então assim, é uma corrente. Então todo mundo tem que estar em sintonia, tem que estar junto. Se lá na pauta deu alguma coisa errada e o repórter não tentar resolver junto com o editor, pode ser que a pauta vai cair e não vai para o ar, então temos que encontrar maneiras. Então assim, a nossa união ali, a discussão em equipe, o apoio um do outro é fundamental para esse trabalho ir para o ar. O trabalho em equipe em televisão é essencial.

**28:12 Tem algo que você aprendeu com essa experiência no jornalismo?**

**28:19** Aprendo todos os dias. Sabe, a gente aprende todos os dias. Não é só uma questão de trabalho. Na prática, porque o que acontece. A questão do jornalismo muda muito, muda muita coisa de lá para cá. Na minha época não tinha WhatsApp, na minha época eu via o

mundo só por telefone, eu não tinha quase internet nas redações, era só .sp, .gov, não eram todos os computadores que tinham internet. A gente não tinha muito google para pesquisar, era tudo apuração pelo mesmo telefone. Então eu aprendi muito, aprendi a ouvir muito, aprendi a apurar uma informação, a ouvir todos os lados, aprendi que além dos dois lados da história, a verdade muitas vezes é o terceiro lado, então existe o lado a, o lado b e a verdade. Sempre você tem que estar ouvindo toda história, você tem que ouvir os dois lados, eu aprendi muito isso, inclusive isso leva para a minha vida. Aprendi a ouvir mais as pessoas, a falar menos, a ter mais sensibilidade, aprendi mais na vida. O jornalismo te ensina muito isso, a observar mais as coisas que estão ao seu redor. Isso é óbvio, ter mais sensibilidade com tudo e com todos, porque nós jornalistas, a gente tem muito isso, de buscar o direito do outro, fazer valer as coisas, que o poder público faça valer a pena a vida do cidadão de qualquer maneira, seja na questão da saúde, na educação. Então o jornalismo eu acho ele fantástico, você pode ouvir de tudo de todas as áreas, falar com vários profissionais, conhecer vários lugares por exemplo, mesmo distante eu estudei muito. Outra coisa que o jornalismo traz, o “buscar” estudar, atualizar no sentido de a questão do português claro, mas também de atualizar nas tecnologias, o que você vai trazer de benefício, uma entrevista por skype por exemplo. Você estuda o assunto que você vai editar, o que você vai pautar, vai aprender mais sobre aquilo, a gente tem que estudar. Eu sempre falo isso para os produtores, “Vai lá pesquisa antes tudo aquele assunto”. O jornalismo te traz isso, eu aprendo todos os dias, às vezes aparece um assunto que eu não sei direito que está rolando, eu vou lá e pesquiso, você liga para uma pessoa que sabe, uma fonte oficial daquilo e aprende mais. É isso, e de lá para cá não tinha Whatsapp e apareceram as tecnologias e isso veio para facilitar aproximar ainda mais as pessoas. Antes eu falava “Esse buraco é muito grande na rua?” “É enorme”, aí a equipe chegava lá e era pequeno. Hoje você fala “Manda um vídeo pra eu ver esse buraco?” “Manda um vídeo do que está rolando aí na sua rua, vamos ver se vale a pena então tudo isso”, traz mais possibilidade de melhorar a cobertura jornalística, a tecnologia ajuda para caramba nesse aspecto. Então de lá para cá a gente só vem aprendendo e modernizando a forma de contar a notícia. Mas a notícia é sempre com os dois lados desde o início sempre.

**32:15 Como você vê a importância de compartilhar suas experiências com outros jornalistas?**

**32:17** Eu acho bem legal. Eu acho que a gente aprende com o outro, as histórias do outro. A gente aprende como o jornalista fez aquela cobertura, eu gosto de ouvir muitos dos meus colegas, os mais antigos como foi na época, o que eles fizeram, quais foram os erros e acertos. Eu acho isso importante, porque quando você compartilha o outro pode observar no que ele pode melhorar, em que pode evoluir, como não fazer, como fazer, sabe? Porque às vezes a gente erra também. Então a gente pode falar “Olha, essa experiência não foi legal, a gente poderia ter feito de outra forma”, isso acontece “A gente poderia ter feito de outro jeito”, então compartilhar com colegas o que você viveu, ou você ouvir do colega o que ele viveu, isso é importantíssimo, super legal, porque você passa a ver com um olhar a mais, ter outro olhar para contar aquela notícia, de fazer a cobertura. Eu gosto de ver como outras emissoras estão tratando determinado assunto. A gente tem que ver o concorrente, o que ele está fazendo, como ele está fazendo. Eu gosto de ver como a rede está cobrindo o assunto, como eles fizeram aquela cobertura.. Abriam com o link ou não? Por que contou de um jeito e não contou do outro? Isso serve para a gente. A gente agrega um pouco para nós também “Vamos fazer igual porque deu certo lá, ou vamos melhorar isso. Eles não fizeram isso”, isso é importante, a gente tem que se assistir, a gente tem que ouvir o outro, para que a gente possa evoluir, para que a gente possa melhorar. A gente tem que ser humilde na nossa profissão, a gente tem que ter mais isso, humildade em todos os sentidos, tanto entre nós mesmos, entre os profissionais, quanto com a população em si. Estar no ponto de ônibus e ouvir a história do outro, está no mercado, fique atento. Ouça o avô, avó, todo mundo tem uma boa história para contar e você pode transformar aquela história que está guardado com uma pessoa em uma grande reportagem. Basta você saber olhar e ouvir com sensibilidade.

**34:37 Existe algo que você gostaria que o público soubesse sobre os desafios enfrentados pelos jornalistas?**

**34:48** Olha eu gostaria que a gente tivesse um pouco mais de respeito, sabe? Eu acho que tendo mais respeito.. Porque assim, nós estamos cumprindo nosso trabalho, a gente é funcionário como qualquer outra pessoa. Então a gente está ali para levar o melhor para todo mundo, procurando dar informações e assim a gente vem vivendo a nossa profissão nos últimos anos, tem tido um desrespeito muito grande por várias pessoas em vários lados. E são

pais de família os jornalistas os repórteres que estão na rua debaixo de sol, de chuva, para passar uma informação e muitas vezes ouvir xingamentos, então eu acho que é isso, a nossa profissão ser um pouco mais valorizada, no sentido que a gente está buscando o melhor, buscando a melhor informação. Eu falo assim, ninguém é obrigado a assistir ou ler o que não quer. Você também pode assistir é óbvio, as críticas são sempre bem-vindas, críticas construtivas sempre ajudam. Mas assim, com respeito, eu acho que é isso que a gente precisa mais, porque já é um trabalho difícil no dia a dia, porque a gente também é ser humano, a gente também sente com as notícias, mas a gente tem que passar. E tem todo um trabalho por trás de apuração, de envolvimento de todo mundo, e eu acho que assim, ter mais crédito das pessoas que nos últimos anos essas divisões que houve, que tem grupos extremistas de vários lados, de vários assuntos, acaba olhando o jornalista, tendo um olhar e criticando a gente por algumas coberturas, sabe? Sem ao menos saber o que está acontecendo, sem pesquisar, eu acho que é isso, respeito.

## **Decupagem 4**

**Entrevistado:** Kaique Castro, jornalista formado em 2020 e hoje é produtor de TV da EPTV.

**Data de realização:** 23/10/2023

**Horário da entrevista:** 15h00

**Via:** Google Meet

### **01:04 Kaique, como você escolheu o jornalismo como sua profissão?**

**01:07** Eu me chamo Kaique Castro, tenho 30 anos. Hoje sou produtor de TV na EPTV, sou formado desde 2020, me formei na Unifran, aqui na cidade de Franca e eu optei pelo jornalismo, pelo esporte. Eu sempre gostei muito de jornalismo esportivo e vi no esporte um jeito de me aproximar daquilo que eu gostava quando criança, que era futebol, basquete, esportes em geral. Quando entrei na faculdade, fui apresentado a outros tipos de tema jornalístico e fui para um portal. Trabalhei no maior portal aqui da cidade de Franca e região, que é o GCN, antigo comércio da Franca, muito grande. E aqui eu faço de tudo, principalmente o setor policial. Então eu fiz algumas partes do esporte, mas foi mais focado na parte policial, setor policial. Então eu cobria tudo que era factual, a gente estava por dentro. Mas nesse meio tempo também, fiz uma parceria com a Liga Nacional de Basquete. Então eu era o repórter aqui da cidade de Franca, era tipo um setorista. E aí eu fazia as reportagens para a Liga. Fazia para a TV Cultura, fazia para a ESPN e também para o YouTube da própria Liga. Aí no começo desse ano, surgiu a oportunidade da EPTV e eu estou na parte de produção, fazendo alguns boletins, no Bom Dia Cidade e também algumas... Algumas participações durante os programas.

### **03:03 E como você definiria o papel do jornalismo?**

**03:08** A nossa profissão, ela muda, né? Ela tem algumas mudanças desde o início, na minha visão, até hoje. E a gente, conforme foram passando os anos, a gente até perdeu um pouco de alteração devido às questões políticas. A gente sempre está ligado à questão política, por causa da sociedade. A gente tem que estar onde o povo está. Eu acho que após a pandemia, a

nossa profissão mostrou o quanto ela é importante para a própria sociedade. A gente fez o papel do Estado, praticamente, devido a ter um governo mais negacionista em relação às vacinas, em relação até à própria divulgação da doença. A gente era o meio de alerta para a sociedade, então, eu acho que nosso papel é esse, comunicar à sociedade o que está acontecendo no cotidiano, no dia a dia, contar histórias... Mas é isso, é dar voz para quem não tem. O jornalismo, ele sempre deu voz para as pessoas, para os grupos minoritários e isso que tem que continuar. Então, vejo que o jornalismo é uma ferramenta para a sociedade, uma ferramenta para que a democracia funcione, para que as pessoas consigam dar opiniões, para que as pessoas consigam falar o que pensam e também demonstra os problemas. A gente é uma ferramenta que tem que funcionar junto com a sociedade.

**05:00 Você citou a pandemia, né? E como foi esse período para você?**

**05:05** A pandemia foi um momento muito complicado, né? Principalmente pela polarização que a gente vive. E não só no Brasil, essa polarização é mundial, né? Vem dos Estados Unidos, agora teve no Brasil e a gente está vendo agora a guerra lá de Israel com o Hamas. A pandemia foi um momento muito complicado, porque, como eu disse, a gente que comunicava para as pessoas o que estava acontecendo. Já que o nosso governo federal, ele decidiu, por não sei o que eles pensam, ter uma abordagem completamente diferente do resto do mundo, né? Então, foi muito complicado. Mas, para o jornalismo, a pandemia, ela trouxe credibilidade que, por algum tempo, foi... Foi perdida. Foi perdida não pelo fato de profissional, mas por essa própria polarização mesmo. As pessoas buscam ler mais, tendem a pesquisar as pessoas que estão lendo. Então, cria-se muitas divisões, principalmente feitas por governos próprios, né? A gente viu isso em 2013 ali, tendo um forte julgamento com a imprensa. Então, eu vejo que a pandemia, é claro que foi péssima, né? Eu perdi familiares, perdi muita gente querida. Só que, para o jornalismo, eu acho que ela veio para mostrar tanto que a nossa profissão, ela é importante para o nosso dia a dia, né? Então, as informações eram trazidas... No meu caso, eu trabalhava no GCN, as informações eram atualizadas de 12 em 12 horas, de 6 em 6 horas. A qualquer momento que tinha alguém ali, a gente já corri atrás para tentar noticiar todo esse momento histórico que a nossa geração passou, né? Esse é o principal ponto da nossa geração. Um momento muito difícil, mas muito importante para o jornalismo.

**7:25 E você teria algum caso que gostaria de compartilhar conosco? Algo que você cobriu, que te marcou?**

**07:31** Então, na própria pandemia, a gente viveu muitos momentos, assim, marcantes, né? Do início, meio, ao fim. O início, é claro, tudo era novo, né? Ah, o que você pode fazer? O que você não pode? Aí, depois, veio o lockdown. Como você trabalha no lockdown? Como que a gente vai trabalhar? Isso impacta o seu dia a dia e impacta a sua vivência no jornalismo, né? Porque enquanto estava todo o mundo parando, todo mundo tendo que ficar em casa, a gente tinha que noticiar de alguma forma. De um hospital, de uma UBS. Então, todo esse momento foi muito complicado. Algo que me marcou bastante foram as entrevistas, eu entrevistei algum pessoal que... Eu ia na porta do hospital, a gente ficou aqui em Franca. Foi um momento muito complicado devido à falta de leito. Franca sofreu bastante com falta de leito, mandando pacientes para as cidades a mais de 100km de distância. E eu cheguei a entrevistar a gente na quinta e no sábado ela falecer. Então, você vê uma pessoa ali, era uma doença que ninguém entendia como ela agia. É muito rápido. Dois dias, a pessoa vir à morte. É algo que te impacta muito, porque... Na quinta-feira, você está entrevistando aquela pessoa, aí, do nada, a pessoa piora, vai para casa e morre. Então, isso é muito triste e mexe muito com a gente. Outra coisa que impacta, já foi posterior naquele momento de 2021, porque a pandemia veio em 2020, mas 2021 é quando a doença fica com mais casos e mais mortes. Eu lembro que a gente fez uma matéria, uma matéria especial para acompanhar o dia a dia da fiscalização da Vigilância Sanitária, que estava impedindo os locais de abrirem bares, abrirem restaurantes, academia. E durante essa operação, a gente acompanhou a fiscalização, junto com a Guarda Civil Municipal, mas a Guarda Municipal ainda não tinha chegado. E a gente foi num bar, esse bar era um bar, um reduto aqui da cidade, que os ex-policiais, os ex-policiais militares, os fiscais perceberam que tinha gente dentro desse bar. E quando eles bateram na porta, um ex-policia militar de posse de uma arma, apontou a arma na minha cabeça e do estagiário que estava comigo, e também dos fiscais lá da Secretaria de Saúde aqui de Franca, junto com a Vigilância Sanitária. Então foi um momento bem crítico. Assim, você ter uma arma... Eu não esperaria uma pessoa abriu uma porta de um bar, de um estabelecimento, que estava descumprindo uma regra e apontando uma arma em nossa cabeça. Então, é muito rápido, não tem muito o que fazer. Posteriormente, a gente até acha



que poderia ter feito algo mais, um boletim de ocorrência, porque a gente ficou tão assustado que a gente foi embora. Então, esse momento marcou bastante.

**10:58 Como você lida com o peso emocional de estar tão próximo dessas histórias trágicas?**

**11:02** Eu lido que é meu trabalho, é meu papel, está ali, eu escolhi, estou trabalhando nessa área e que, infelizmente, vão acontecer essas coisas. Eu tento tratar com o maior respeito o que acontece ali, a pessoa às vezes morre. Se eu vejo algum familiar, eu tento conversar, principalmente quando é acidente e a pessoa fica muito machucada, morre ali no local, o familiar chega e ele já quer, a qualquer momento, ele quer ver o corpo ali. Então, se eu estou bastante tranquilo, peço para a pessoa sair de perto, para não ir lá, porque a pessoa morreu, não tem mais o que fazer. Ela ir lá, ver o corpo, não é algo legal. Então, muitas vezes, a gente está ali, está tratando diretamente com as fontes, você faz o setor policial, está tendo um acidente, vai ter polícia, vai ter o corpo de bombeiros. Então, assim, não dá tempo de eu pensar na pessoa que está ali. É frio. Porque? Eu tenho que fazer meu papel, é claro que a gente pensa, né? Nossa, que tristeza, muito triste. Mas, a partir do momento que eu já pensei, nossa, muito triste, eu já tenho que começar a escrever “Morreu fulano de tal, na rua tal”. Então, o jornalismo é muito rápido... Eu já tive um dia que teve três mortes, uma em seguida da outra. Eu fui em três acidentes, uma em seguida da outra. No último, assim, eu estava exausto, eu estava cansado. Mas, ao mesmo tempo, eu sabia que eu tinha entregue ou que eu tinha que entregar. A informação é essa, o acidente aconteceu, assim, teve um desrespeito, não teve um desrespeito. Então, eu tento lidar como é o meu trabalho, o meu papel é estar ali, contar o que aconteceu. Porque o fato é aquilo, né? Uma pessoa morreu, ponto. Aí, você tem que trabalhar, você não vai ficar pensando só na pessoa que morreu, porque, se não, você não vai conseguir entregar seu texto, você não vai conseguir entregar sua imagem, você não vai conseguir entregar seu áudio. Então, eu acho que, nessa parte, eu também acho tranquilo. Tem gente que não aguenta fazer, porque fica ruim e tal é pesado, é muito pesado. Mas, eu tento entender que é meu trabalho. Então, eu sei que estou ali para trabalhar, não estou para expor ninguém, não estou para fazer mal para ninguém, estou para fazer meu trabalho e ir embora.

Igual eu te falei, eu tento desejar os sentimentos para a família. A gente sabe que é um momento muito complicado, mas a gente tem que trazer informação, informação correta. E a gente trabalha dessa maneira.

**14:02 Em algum momento da sua carreira, você chegou a sentir medo?**

**14:07** Ir nos hospitais infectados era bastante complicado, porque você sabia que estava todo mundo com Covid. Eu não peguei Covid nesses três anos aí. Então, era muito difícil, eu tinha medo, muito medo mesmo, de tentar entrevistar alguém, mas a gente tinha que trazer uma situação real, como eu disse. A gente tinha governos que não acreditavam na doença, nem nada. A gente tem que ir, né? Claro, eu ia com várias máscaras, eu também ia com luva, eu tentava me proteger o máximo. Eu avisava a minha esposa que estava grávida “Vou para casa agora. Deixa a porta aberta para não pôr a mão em nada. ir direto para o banheiro”.

Então, assim, isso era algo que eu tinha muito receio, de passar a doença, de me contaminar, e de contaminar um terceiro. Agora, de outras coisas, acho que não tenho medo, não. Medo mesmo, eu acho que foi só isso. Teve um caso também, uma vez, eu estava numa operação da Polícia Militar, de tráfico. Era um lugar bem complicado, aqui da cidade, e os policiais foram embora, me deixando lá praticamente sozinho. Esse dia foi complicado, eu tive que sair correndo. Mas não aconteceu nada, ninguém me falou nada, eu acho que o medo ali era até um pouco preconceituoso, porque depois eu fui num acidente no mesmo local, e me trataram muito bem. Então, medo nessa área de cobertura, eu acho que foi mais nessa parte da Covid-19, que foi muito complicada.

**16:05 O que você acha sobre compartilhar experiências? Você acha algo válido?**

**16:20** Eu acho que é sempre válido, porque nós ficamos em evolução constante. Eu vou estar aprendendo com você agora, você vai estar aprendendo um pouco comigo. E a vida é assim. O dia a dia, que a gente está só explicando de momentos, não de técnicas, como que a gente trabalha, que é um pouco diferente. Mas é muito importante você ouvir e falar o seu dia a dia, para uma pessoa entender. Principalmente na nossa área, que é uma área muito complicada. É uma área, no meu ver, ela finge ser unida, né? Tão unida quanto parece, deveria ser mais unida. Mas hoje, com a internet, com o YouTube, com podcasts, com Spotify, com os

streaming, eu acho que a possibilidade de a gente falar com mais pessoas é maior ainda. É claro que eu trabalho na maior emissora do país, a gente já tem ali uma grande quantidade de audiência, devido à audiência de TV aberta, de ser rede Globo. Mas quando se fala na CBN Ribeirão, também é a mesma coisa, que é uma grande audiência. Então, quanto mais pessoas a gente explica o que a gente passa, a nossa vivência, eu acho que ela aprendeu um pouco, e também quando a gente ouve, a gente aprende também.

**17:54 Existe algo que você aprendeu com o jornalismo?**

**17:58** Olha, eu acho que aprendi tudo com o jornalismo. Principalmente a lidar com os problemas das pessoas, tentar entender que sempre vai ter pessoas com problemas muito graves. É muito gratificante quando a gente resolve um problema, às vezes uma pessoa está internada, ou às vezes a gente consegue pressionar o Estado, para conseguir uma vaga. O jornalismo me ensinou a ser uma pessoa melhor. Eu acho que só tenho a agradecer ao jornalismo, à pessoa que eu sou agora.

**18:47 Existe algo que você gostaria que o público soubesse, sobre o dia a dia do jornalista, sobre os desafios da carreira?**

**18:56** Olha, é muito complicado. Eu acho que as pessoas não têm noção o quanto é difícil para uma matéria chegar ao fim. É igual a gente estava falando sobre um acidente, pode ficar às vezes até um pouco frio da minha parte, mas a gente chegou ali, chega no local, tem que lidar com uma pessoa que morreu, tem que lidar com alguma outra coisa. A pessoa no final vai ler só aquilo “Fulano morreu”, mas teve todo um problema para você. Às vezes discussão com algum policial militar que não deixa chegar na área, um monte de coisa que aconteceu para a notícia chegar no ar. Então, é bastante complicado. Acho que as pessoas tinham que dar um pouco de valor com aquilo que elas recebem de informação. É muito complicado checar uma informação, a gente tem muita responsabilidade na checagem de informação até na divulgação. Inclusive quando erra, porque acontece o erro, é normal. Então, as pessoas precisam valorizar um pouco mais porque tem muito trabalho atrás de uma reportagem.

## **Decupagem 5**

**Entrevistado:** Fonte anônima

**Data de realização:** 14/11/2023

**Horário da entrevista:** 11h00

**Via:** WhatsApp

### **01:07 Por que você escolheu o jornalismo?**

**01:11** Bom, primeiro que eu tenho muitos jornalistas na família. Então, acho que sempre estive um pouco perto de mim, essa profissão. Mas eu sempre vi o jornalismo muito como uma profissão que tem uma função social muito importante e eu sempre quis trazer isso para minha vida de alguma forma. E eu sempre estive conectada com a comunicação de forma geral, desde criança. Minha mãe sempre me colocou em projetos, minha mãe sempre me fez ser uma pessoa muito ativa desde criança. Então, eu acho que o jornalismo meio que foi acontecendo na minha vida. Não foi a minha primeira escolha como profissão, eu iria fazer medicina, era a minha primeira escolha. Me preparei muito para a medicina, mas como eu me formei muito novinha, me formei no colegial tinha acabado de completar 16 anos, minha mãe me achou muito nova para ingressar na faculdade. Com 16 anos ainda, fazendo medicina e minha mãe falou “Filha, pensa, você é muito nova, você se formou muito nova”. Fiquei um tempo pensando, comecei a ter contato com as pessoas que faziam jornalismo na família. Comecei a ler bastante, comecei a escrever bastante. E aí eu acabei indo para a área da comunicação. Estou muito feliz com essa escolha.

### **2:27 Você poderia contar um episódio de assédio que você teve durante o exercício de sua profissão como jornalista? Foi assédio moral ou sexual?**

**2:27** Eu acho assim, assédio moral, em algum momento a gente sempre vai passar. Acontece isso porque a gente convive com muitas pessoas, convive com muita gente e em algum momento, a gente vai passar por assédio moral. O que é triste, não deveríamos passar. Mas eu acho que o que mais me marcou foi o assédio sexual. Porque o assédio moral, de alguma forma, eu tentava, já sofri, mas eu sempre tentava ir pela tangente. Falava, não, muitas vezes

não tem nada a ver com a gente, tem a ver com a pessoa que está fazendo o assédio. Mas o assédio sexual é algo tão invasivo, é algo tão violento. Eu acho que me marcou muito o que eu sofri a primeira vez que eu tive acesso de forma tão clara e tão violenta foi assim que eu me formei no jornalismo. Quando a gente se forma e a gente vai para o mercado de trabalho, a gente fica muito animada, a gente está com sangue no olho, a gente quer fazer, a gente quer fazer acontecer. Recebi um convite muito legal para cobrir um evento muito importante no Brasil e eu fui com muita vontade de fazer, eu estava muito animado. Eu lembro que quando cheguei lá, um dos jornalistas que estava trabalhando comigo, ele falou assim, “Olha, quando você for fazer as matérias, tome um pouquinho de cuidado, fique esperta”. Mas até aí, entrou em um ouvido e saiu pelo outro. Eu fui a campo mesmo para fazer as entrevistas, para fazer o que eu precisava fazer, eu cutuquei um moço numa festa e falei: “Por gentileza, você poderia me dar um depoimento?”, na hora que eu fiz isso, não deu tempo, não deu tempo, o cara já segurou o meu rosto e já veio para me beijar. Eu demorei uns segundos para ter uma reação, até de ir para trás, porque eu não entendi o que estava acontecendo. E na hora que eu fui para trás, também não deu tempo eu fui cercada por muitos homens. Então, era um tentar me beijar na boca, era um tentar colocar a boca no meu pescoço, um já beijando o meu braço. Eu me senti tão acuada, primeiro porque eu não estava entendendo o que estava acontecendo, eu estava ali fazendo o meu trabalho. Eu não entendi o que eu falei, se eu falei, se eu fiz, porque é muito louco, porque quando a gente passa por um assédio sexual, passa tanta coisa pela sua cabeça que você fala assim: “Meu Deus, eu fiz alguma coisa que está dando permissão para essa pessoa fazer isso?”. E a sorte que tinha um segurança perto de mim e viu, ele me tirou desse grupo. E detalhe, aconteceu isso no meio de um monte de gente, estava todo o mundo assistindo. O que me fez perceber que naquele ambiente que eu estava também era absolutamente normal aquilo acontecer. E eu consegui voltar para a redação muito assustada e comentei com o jornalista o que tinha acontecido. E ele falou assim para mim, “Aqui é complicado”. Ele só falou isso para mim. E aí, ele chegou e ele falou para mim “Quando você for pegar os depoimentos agora, pega depoimento de mulheres”. Nesse mesmo evento, um dia eu estava passando e teve um homem que segurou meu braço, eu estava com roupa de imprensa, as pessoas olharam para mim e viam que eu era da imprensa. O cara segurou meu braço e na hora que eu tirei o meu braço para ele não segurar, eu levei um soco nas costas. Por eu ter falado não, simplesmente por ter falado assim “Não”. Então foi justamente assim que eu me formei. Então, ali eu tive contato da pior maneira possível, eu falei, “Nossa”.

Porque tinha acontecido aquele dia comigo, mas depois começaram a acontecer outras coisas, claro, naquele evento, já recebi muita cantada de entrevistado, já sofri perseguição de um entrevistado em redes sociais depois que eu o entrevistei. É muito complicado, é muito triste. Faz parte dessa realidade, já passei assédio sexual dentro do jornalismo por outros colegas também. E assim, é muito triste contar isso. Dá uma angústia só de lembrar, minha mão já está até gelada de falar disso. Mas sim, passei por assédio moral, mas eu acho que o assédio sexual é muito pior.

**6:52 Em algum momento você se sentiu isolada e sem recursos para lidar com essa situação?**

**6:58** Com certeza. Porque para quem a gente vai contar isso? Para quem a gente vai pedir ajuda? Porque normalizam tanto essa situação, que a primeira coisa que as pessoas falam é “Não dá atenção, esquece, passou, passou”. Mas fica na gente, né? Então assim, sim, eu me sinto muito isolada, eu me sinto muito sozinha. Às vezes eu tenho medo, até hoje. Às vezes eu me sinto.. como eu vou te falar? Eu vou fazer uma entrevista, às vezes fico pensando... Eu olho, é muito louco, mas eu olho para um homem, quando eu vou entrevistar um homem, e eu estou entrevistando tudo, a primeira coisa que eu falo é, “Por favor, não acontece nada. Não aconteça nada”. A gente passa até hoje, assim, isso.

**7:44 Então isso te afetou em sua atividade como jornalista?**

**7:48** Bastante, afeta sim. Eu nunca pensei em parar. Se você me perguntar, “Você pensou em parar?”. Eu nunca pensei em parar. Mas nos últimos tempos, eu tenho pensado “O que eu posso fazer com isso que está acontecendo? Como eu posso fazer? Posso conversar com alguém? Posso tentar mudar alguma coisa? Posso conversar com minhas colegas? O que eu posso fazer?” Me afetou, fiquei mais, acho que a palavra não é nem afetar, eu fiquei mais esperta. Quando vou entrevistar alguém, percebo que a pessoa está de uma forma diferente, eu já vou mudar o comportamento, porque às vezes, as pessoas confundem. A gente que trabalha na comunicação, a gente é mais para cima, a gente é mais comunicativa mesmo. Então nós temos as nossas maneiras de conversar. E aí, gente, quando depende da pessoa que chega perto de mim, assim, eu olho e falo “Hum, peraí, esse aqui eu tenho que ser mais diferente”,

eu me afasto um pouco mais. Me afetou nesse sentido, eu tenho muita ansiedade, dependendo do que eu vou falar, com quem eu vou falar. Eu fico mais esperta mesmo. Acima de tudo, eu fico triste. Eu tenho, às vezes, uma tristeza muito profunda, porque eu falo “Meu Deus, eu só estou aqui fazendo o meu trabalho”. Eu não vejo colegas homens que fazem o mesmo trabalho passar por isso.

**9:06 E nessas vezes que acontece? Aconteceram vários, né? Você denunciou este assédio à empresa?**

**9:13** Não. Eu nunca denunciei, sempre fiquei em silêncio. Eu acho que é muito triste isso, mas às vezes passa na minha cabeça assim, “Putz, é normal..”. Se eu denunciar, não vai virar nada. Porque geralmente, pessoas que me ajudaram, fizeram coisas assim, eram pessoas importantes, eram pessoas grandes na sociedade, com grandes cargos, e aí você fala, meu Deus. Passa muito isso na sua cabeça, como é que eu vou denunciar que força que eu tenho? E é muito complicado, assim. Eu já comentei com colegas de trabalho, já comentei, mas eu nunca denunciei. Falar, “A pessoa está fazendo isso, está fazendo aquilo”. É a minha palavra contra a deles. E não é que a minha palavra não tenha força, ela tem força. Mas, ao mesmo tempo, é uma voz só. Eu acho que se tivessem mais vozes comigo, talvez a denúncia seria mais forte, ou a gente conseguia coisas, sabe?

**10:08 Primeiro, você considera importante compartilhar sua história para criar essa conscientização? Para que as pessoas, as mulheres que sofreram um assédio, possam denunciar e fortalecer?**

**10:19** Com certeza. Existe uma palavra que a gente fala muito hoje em dia, mas que honestamente eu acho que a gente fala e não pratica, que é a sororidade. Eu acho que é muito complicado, quando a gente está fazendo alguma coisa, ou a gente precisa fazer alguma coisa, tomar uma atitude, é muito difícil se ver sozinha. Eu acho que quando a gente fala do assunto, a gente sai de um lugar que é silencioso. Quando a gente começa a falar sobre o assunto, a gente começa a externo o que a gente sente, a gente começa a externar o que a gente viveu, e acima de tudo, a gente começa a encontrar pontos como se fosse uma linha mesmo, a gente começa a encontrar pontos principalmente nas mulheres que sofreram esse assédio, seja

moral, seja sexual, o que for, a gente começa a falar assim, “Ó, eu também passei por isso”. Porque muitas vezes, a gente acha que a gente está sozinha e a gente não está, essa é a questão. E o problema não é só o jornalismo, a gente está falando de um problema estrutural na sociedade. Então, não são só jornalistas que passam por isso, são muitas mulheres de outras profissões.

### **11:24 Você acha que faltam leis que protejam esse assédio dentro do Brasil?**

**11:29** Com certeza. Eu acho assim, existe uma lei de assédio no Brasil, que não foi... Eu não vou lembrar exatamente o ano, mas ela não é tão antiga assim. Existe uma lei de assédio que causa no assediador prisão, inclusive, se eu não me engano, por dois anos. Mas eu acho que são necessárias políticas dentro das empresas e por que não uma lei mais específica para o jornalismo? Precisa ter. A gente precisa ter um apoio de denúncia, por exemplo, ah, eu tenho um número para ligar, ou eu tenho... Como falar com essa empresa.. Porque assim, muitas mulheres não falam, porque não existe essa política na empresa. E desculpe, existem empresas que passam o plano para assediadores. Existe. Entendeu? Justamente para normatizar tudo o que acontece. Então, a gente precisa, sim, de uma lei específica, na minha opinião. Existe uma lei de assédio, que já é sério para o assediador, mas eu acho que se a gente fortalecer isso, se a gente trouxer uma lei específica para dentro do jornalismo, talvez facilite mais. Ou políticas de... Como que a gente pode falar? As mulheres não denunciam por medo. Essa palavra. Quando a gente fala e pergunta, a maioria vai falar para você, é medo.

### **12:43 E você conhece outras histórias de jornalistas?**

**12:47** Ah, com certeza. Conheço histórias de jornalistas que sofreu assédio sexual, assédio moral. E todos, eu acredito que todas elas carregam justamente esse medo. Sabe? De falar... É muito importante isso. Porque assim, quando a gente encontra apoio, nem que seja em outras histórias, a gente começa a ter mais força para continuar. Eu conheço pessoas que pararam a profissão. Que escolheram outro caminho da profissão por conta disso. Mas... É que nem eu falei, eu nunca pensei em parar. Nunca pensei em parar. Eu falei, eu não vou



parar minha profissão por causa de... Desculpa a expressão, por causa de um homem. Eu não vou parar minha profissão por causa disso. Eu vou continuar. Mas isso também não impede que eu continue sofrendo sofrimento. Porque a gente continua sofrendo. Todos. Eu não falo todos os dias. Mas... Eu acho que a maior parte do tempo que fui jornalista eu sofri assédio. Tem uma história muito... Que me vem na cabeça agora. Que foi dito, e na cabeça deles foi brincadeira, mas eu me senti muito, muito desrespeitado naquele momento. Eu tinha um cliente, né? Da área da comunicação, que eu fazia um trabalho de assessoria de imprensa pra ele. É um evento muito importante também aqui no Brasil e eu lembro que... Quando eu cheguei... As malas dele estavam no meu quarto e eu estranhei. Quando eu vi as malas dele no meu quarto eu estranhei no quarto. Era em uma outra cidade que eu fui. Quando eu cheguei no evento que ele estava no evento eu perguntei “Tem umas malas no meu quarto..” “As malas no seu quarto são minhas” eu falei, “Mas você não vai buscar?” ele falou “Vou, mas vou trocar de quarto”. Aquilo já me incomodou porque eu já estava no quarto, já estava instalada no quarto e tinha as coisas dele ali. No final do dia, eu estava voltando pro hotel e ele falou “Eu preciso pegar minhas malas”. Eu falei, ah, por favor, né? Eu falei “Se você puder pegar o quanto antes...” Eu estava super incomodada com aquela situação. E aí tava toda equipe do evento reunida e ele virou e falou assim... “Ah, eu vou passar ali daqui um pouco. Ah, me espere com sua melhor camisola”. Aquilo me doeu, todo mundo riu. Inclusive mulheres que estavam no local. Eu já estava incomodado com a situação, né? E aí eu fui pro hotel. E eu precisei esperar ele buscar as malas, mas assim, eu abri a porta, ele entrou, ele pegou, ele viu todas as minhas coisas. Eu me senti muito invadida, ali não era aquilo normal. Foi um desrespeito de minha privacidade, fazer uma piada que aconteceu com uma mulher. Todos riram como piada. Eu não achei graça, eu me sinto muito mal. Claro que eu não trabalhei mais pra pessoa, né? Eu saí. Mas existem alguns momentos que acontecem essas coisas que você... Parece que a sua mente sofre um delay que você fala “Isso está acontecendo mesmo. Eu estou ouvindo isso. Será que eu estou exagerando?”. Me senti tão incomodada, mas será que eu estou exagerando me sentindo incomodada? A gente se questiona. Porque na nossa própria mente também, como é tão normal fazer esse tipo de coisa. Você fala, “Não é normal. Não é”.

**15:54 Você gostaria de deixar alguma mensagem para as pessoas, para as outras mulheres?**

**16:00** Gostaria. Eu acho que por mais difícil que seja e eu sei que bate... Eu vou usar essa palavra porque é realmente isso que eu sinto às vezes. Eu sei que às vezes bate uma cansaça muito grande na gente. Da gente ter que aguentar esse tipo de coisa. Mas eu falaria para as mulheres, não desistirem do caminho que elas estão trilhando. Por nada e por ninguém. A gente precisa começar a falar sobre esse assunto, nem que seja entre nós para criar uma rede, um fortalecimento entre nós. Para que depois talvez a gente consiga dar um passo maior. Mas assim, eu falaria, não desistam, porque quando a gente desiste, são vozes que vão sendo silenciadas. A gente vai desistindo de coisas que não é nem por nós, são pelos outros, pelos homens. Eu não estou generalizando, porque a gente não pode generalizar, mas por comportamentos machistas, misóginos, sexistas que está estruturado. Inclusive, desculpe falar isso, desculpa ser sincera, está estruturado em nós mulheres também. Muitas vezes nós somos isso, nós somos machistas, nós mulheres somos machistas às vezes, nós às vezes vemos alguma coisa e julgamos. Se a gente começar a falar, a gente vai ver que a gente não está sozinha. Aí uma outra pessoa que escuta a sua história vai falar, “Puts, eu passei por isso também”. E aí começa a criar talvez uma rede de apoio entre nós e esse movimento, ele vai criando forma, ele vai criando sustância, ele vai criar um corpo maior para talvez a gente conseguir mudar alguma coisa. E é muito importante uma coisa que eu queria finalizar... A Bell Hooks, ela foi uma grande estudiosa, ela foi uma grande professora. Infelizmente a gente perdeu ela recentemente. E ela fala uma coisa que eu acredito muito nisso, não basta a gente mudar, só a questão da mentalidade feminina, não adianta só tirar a questão da violência sexual estrutural que a gente têm na sociedade só na visão feminina. É o primeiro passo, mas principalmente na visão masculina. Porque até para movimentos como o feminismo, que é uma política e não se é discutido muito isso nos dias de hoje. O feminismo é uma política e ele é importante, é um movimento extremamente importante. Só que a gente só vai ganhar força se os homens também aderirem. Se os homens que estão escutando, que estão nas redações e escutam de algum colega fazer um comportamento machista, uma violência sexual com o colega, não fiquem quietos. Falem também. Porque a gente só vai conseguir também e a Bell Hooks deixa isso muito claro nos livros que ela escreve. O movimento feminista ou

qualquer mudança, a gente precisa dos homens. Então é uma voz que não é só feminina, os homens também precisam aderir a esse movimento. Os homens também precisam começar “Ó, poxa, esse comportamento que você fez com o colega não foi legal”. Não alimentem. Não é importante que o movimento seja alimentado. Ele só é forte ainda porque é alimentado e a gente precisa mudar isso.

**18:58 Muito obrigada por estar aqui hoje compartilhando suas histórias.**

**19:05** Muito obrigada. Eu acho que o fato de eu estar sentada aqui hoje, falando sobre o assunto.. Eu sei que a minha voz vai ser modificada. Ai ta vendo a gente precisa esconder quem a gente é, a gente precisa ainda se proteger. Que a gente possa falar sobre isso sem ter medo, que a gente consiga isso. Eu acho que ainda tem um bom caminho pela frente, mas só da gente já estar começando, já é maravilhoso. Obrigada.

**Decupagem 6**

**Entrevistado:** Rafael Pascuim é jornalista e atua como repórter da TV Record.

**Data de realização:** 18/11/2023

**Horário da entrevista:** 15h00

**Via:** Google Meet

**00:48 Rafael, como você escolheu o jornalismo?**

**00:50** Escolher o jornalismo para mim foi uma coisa muito fácil, eu sempre gostei muito, né? Desde criança ali, adolescente, né? Que a gente começa a escolher um pouco mais quais vão ser os caminhos aí da vida e qual profissão que a gente vai escolher. Mas eu sempre gostei muito, eu gostava muito de ler e eu gostava muito de ler jornal impresso. Mas o engraçado é que, para mim, TV era a minha última opção, eu gostava, assistia telejornal.. Eu queria mesmo era trabalhar no impresso e aí, quando chegou a hora de decidir qual curso eu ia fazer, eu optei pelo jornalismo logo de cara.

**01:32 Você faz parte de uma das maiores emissoras do Brasil. Como você lida com a fama?**

**01:40** Então é engraçado isso, porque assim, a gente, pelo menos quando a gente tava, na minha época da faculdade os professores sempre orientavam a gente, eles falavam assim, “Ah, jornalista não é artista”, mas assim, não tem como a gente fugir disso, porque assim, todos os dias quem tá ali, quem tá lá, quem tá assistindo TV, a gente é a companhia de muita gente. Então eles acabam criando esse vínculo, por isso que quando a gente tá aí na rua, as pessoas vêm, e vêm abraçar a gente. É engraçado a relação, porque é como se eles fossem muito íntimos, mas a gente não os conhece, mas eles vêm a gente todos os dias, e cria esse vínculo, cria essa intimidade. Isso é bacana assim, da TV, da comunicação, do rádio, as pessoas criam essa relação. E isso é a melhor resposta que a gente pode ter do nosso trabalho. Então assim, é muito bom receber esse tipo de contato, as vezes a gente recebe mensagens lá no WhatsApp da TV, muitas vezes tem gente que vai até na porta da TV pra encontrar com a

gente, vai chegar lá na porta da TV para tirar foto, e isso é muito bom. Hoje mesmo, de manhã fui até o supermercado. Aí cheguei ao supermercado, aí logo na entrada o senhor já veio perguntar assim, porque como no jornal eu faço a previsão do tempo, e aí a gente tá vivendo um momento aí, agora no meio do mês de novembro, a gente tá vivendo essa onda de calor, e aí ele já veio, “E aí, essa chuva chega ou não chega, Pascuim?”, aí eu comecei a rir, falei, “Olha, a previsão diz que chega”. Então assim, é um contato muito gostoso, é uma troca muito legal. E isso eu acho que é fundamental, isso que enriquece, isso que estimula a gente. Porque assim, a rotina é corrida, a rotina é brava, cansativa e tudo mais. Não que outras profissões também não sejam, mas é isso que acho que dá mais estímulo pra gente. Esse retorno, esse contato das pessoas, isso daí é incrível. Não tem o que pague isso.

#### **04:03 E durante a sua carreira, teve algum caso que te marcou?**

**04:11** Ó, eu costumo dizer que assim, todos os dias é um dia diferente. Então eu costumo falar assim, que a melhor reportagem que eu vou fazer é a reportagem de amanhã. Então assim, todos os dias a gente tá ali se dedicando, toda reportagem é importante, por menor que seja. Às vezes tem gente até que pensa, “Ah, mas isso daí é mais uma reportagem de buraco de rua. Ah, é mais um problema de falta d'água”. Pode ser, pode ser uma rotina pra gente, mas é o momento mais importante para aquela pessoa que tá passando aquilo. Então eu acho assim, que toda reportagem é importante pra gente.

Mas, eu tenho algumas, que eu já vivi aí durante esse período algumas situações, que claro que tem algumas coisas que a gente... não esquece, né.

Tem coisas muito boas e tem coisas não muito boas também, né. Não vou dizer coisas ruins, mas coisas que não são muito boas. E o que mais me marca é quando eu vou fazer alguma reportagem que envolve alguma criança e isso eu acabo lembrando sempre, né, de tudo isso que aconteceu. É... Eu tenho um fato que eu não esqueço. E já faz bastante tempo, já faz mais de dez anos, né. Porque eu tô de volta aqui a Record em Ribeirão Preto há doze, há treze anos.. E isso aconteceu quando eu trabalhei em Santa Catarina, né.

Vou contar mais ou menos o que aconteceu... Eu tava num domingo, era o meu plantão, então eu estava lá disponível. Tinha que sair de casa, ir pra TV, caso acontecesse alguma coisa. Aí eu me lembro que era mais ou menos umas seis horas da manhã de domingo, meu celular tava tocando. E aí era o meu colega, cinegrafista, que me ligou e disse assim, “Olha,

eu recebi agora uma ligação e teve um acidente numa rodovia aqui da Serra. Vamos?” Aí eu peguei e falei pra ele assim, “Ah, eu vou dar uma ligada na polícia e ver se a gente tem alguma informação”. Aí enquanto ele foi me pegar em casa, eu liguei pra polícia e eles me informaram “Olha, foi um acidente que aconteceu”. Me passou o endereço lá da BR.”E teve a morte de uma criança”. E aí eu falei, nossa domingo, seis horas da manhã, morte de criança... Vamos. E eu não sabia o que eu ia encontrar lá. Quando eu cheguei até a rodovia eu vi um caminhão bem grande ali, era uma carreta, né. E a região ali por ser na Serra é aquela rodovia cheia de curvas, aquelas rodovias altas, assim, aquela coisa na Serra mesmo, que é uma situação que é bem perigosa ali, né. Aí eu cheguei até o local e conversei com a polícia ali primeiro, né, pra saber. A mãe da criança tava ali em estado de choque, ela não tinha reação nenhuma, ela não chorava, ela não tinha nenhuma reação, ela estava parada ao lado de uma pessoa da família.

E aí eu cheguei e falei assim pro policial, né. Eu vi, assim, aquela carreta, uma marca no chão, como se tivesse derramado um óleo no asfalto e eu vi aquele risco, assim, do alto, assim, da rodovia. Mais ou menos uns 40, 50 metros e tinha o caminhão, a carreta ali. E aí eu falei pro policial, né. Falei... “Olha, falaram pra gente que foi a morte de uma criança, né. O que que aconteceu?”

Aí o policial me apontou, assim, pro chão. E... me mostrou uma sacolinha de supermercado. Aí eu olhei aquilo, né, uma sacolinha de supermercado, assim, que tava esperando ainda a perícia e tudo mais. Essa sacolinha tava aberta e eles colocaram ali uma pedra, um tijolo em volta pro saquinho não voar com o vento. Colocaram ali. E aí ele falou assim... “É, foi a morte de uma criança”, e aí ele disse assim... “O corpo está ali”. E aí eu olhei ali, claro que na TV, obviamente, a gente não exhibe situações assim, não vai mostrar aquela imagem, né. Daquela sacolinha ali, no chão. E aí ele me disse... “Isso foi o que sobrou do corpo da criança”. Era uma criança de 3 anos, ela foi atropelada e ela ficou presa ali na roda do caminhão. Aquela marca que eu via no chão era...Era o corpo dela que... Que foi arrastado ali na... Pela rodovia. E ali a criança... O que tinha sobrado do corpo do menino, era um menino de 3 anos.

E qual era a história por trás disso? De um lado da rodovia tinha um sítio e do outro lado tinha outro sítio. Ele morava com a mãe, com os pais, nesse sítio. E aí era domingo de manhã, ele ia pra casa da avó que morava do outro lado, e eles iam tomar café na casa da avó. E a mãe saiu com o menino e no momento de atravessar a rodovia ele soltou da mão dela e correu. E quando ele correu, foi quando o caminhão acabou atropelando ele ali. E pra mim...Como eu

disse na TV a gente não mostrou aquela situação ali, aquela imagem. Mas pra mim é algo que eu ainda... Toda vez que alguém me pergunta alguma coisa marcante, eu me lembro dessa imagem.

### **10:20 Como é pra você ver a cena, digerir e relatar isso ao público?**

**10:29** É assim, a gente tem que aliar ali as técnicas, o texto que a gente vai escrever, o que a gente pode... A gente vai dar notícia, sem chocar tanto. Então primeiro a gente vai ali, tentando usar as técnicas que a gente tem, pra poder fazer a reportagem, pra poder dar essa notícia. Mas assim, quando a gente está na faculdade, a gente é sempre treinado que a gente não pode se envolver, que a gente tem que ser imparcial e isso é extremamente válido. A gente tem mesmo que levar a notícia, levar a informação pras pessoas, com a maior imparcialidade possível, sem a nossa opinião. A opinião quem vai dar é o comentarista, eventualmente o jornal que tem um comentarista, a opinião fica com ele, a gente aí vai relatar o caso. Só que a gente tem percebido que as coisas mudaram um pouco, o jornalismo.. E eu acho isso muito positivo. O jornalismo tem deixado de ser tão frio como antes em que tá acontecendo tudo isso, isso não é um problema meu, eu estou aqui pra relatar, vou virar as costas e vou embora. Que bom seria que fosse assim. Só que a gente não é uma máquina. Nós somos humanos, a gente tem sentimentos, a gente tem nossas dores, nossos amores, a gente tem família. Então a gente acaba de alguma maneira se envolvendo com isso. Então assim, como eu disse no início, claro, a gente vai usar das nossas técnicas, do nosso texto, vai tentar se controlar emocionalmente ali pra poder dar a notícia. Mas é fato que em algum momento a gente vai se envolver. A gente vai querer participar da situação e não tem jeito, aquilo toca a gente, são coisas que a gente não esquece. Até nesse caso aí de se envolver demais, eu me lembro de uma outra situação, de um outro caso que eu pude acompanhar, isso já está aqui em Ribeirão Preto, durante uns 6, 7 meses, que é um caso que eu comecei a fazer ali como mais uma reportagem, mas quando cheguei lá, percebi que já não era bem assim, que foi um caso de uma criança, também, do Pedro. O Pedro tinha 3 anos de idade. E aí um dia cheguei na TV e me entregaram uma pauta: "Oh, você vai na casa dessa família. É uma criança que precisa de um transplante de medula. Só que não tem vaga no hospital." Aí a história era essa. Aí eu cheguei na casa, eu me lembro que era no finalzinho da tarde, já era mais ou menos umas 5 horas, já tinha feito uma reportagem, era a minha segunda reportagem do dia e aí eu tenho

essa reportagem até hoje, porque o cinegrafista ficou muito feliz ali. O trabalho na reportagem é uma parceria, o cinegrafista é um relacionamento diário que a gente tem. Então, dependendo do profissional, você vai criar um vínculo tão forte com ele que consegue captar toda a essência do momento. E eu cheguei na casa dessa família e ele desceu do carro e ele já começou a fazer imagem. Quando entrei em casa, ele estava com uma câmera ligada e aí essa criança veio correndo e me abraçou. E aí uma criancinha de 3 anos, pequenininha ali, eu tenho 1 metro e 83, ele me abraçou nas pernas, aí eu abaixei, abracei ele e falei: "Oi, tudo bem? Você que é o Pedro?" "Isso, eu sou o Pedro." Bom. A partir daí você já dá aquela quebrada, você fala, "Nossa, sou recebido assim com um abraço. Que responsabilidade." Parece que venho aqui para salvar a vida dele. E não é bem assim. A gente não salva a vida de ninguém. E aí eu fui conhecendo a história do Pedro. A mãe dele me disse que começou a notar que no corpo dele tinha umas manchas roxas. E ela falou, "Meu, o Pedro não bateu. O Pedro não caiu." A mãe dele se chama Nara. E aí a Nara me contou a história que ela começou a perceber essas manchas roxas e ela foi até um hospital, fizeram uma bateria de exames no Pedro e descobriu-se que o Pedro estava com leucemia. E o mais difícil eles conseguiram, que era um doador compatível. O doador estava na Alemanha e esse doador estava disposto a fazer a doação da Medula, porque é um procedimento bem rigoroso. Tanto quem está doendo, quanto quem vai receber, precisa ficar 40, 50 dias em isolamento. Para poder fazer a coleta da medula para depois implantar a medula no outro. Então é um processo bastante difícil. O mais difícil eles tinham conseguido, que era o doador. Que esse homem na Alemanha tinha lá o cadastro dele no banco mundial de doadores era compatível com o Pedro. O transplante tinha que ser feito aqui no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto e não tinha vaga, não tinha leito para poder fazer esse transplante. Bom. Aí a gente foi ali, fez a reportagem, passei ali o final da tarde, início da noite com o Pedro e na reportagem, eu ainda brinquei com o Pedro, era um momento de muita apreensão porque ele precisava do transplante. Mas para ele, ele estava brincando, pegou o microfone e saiu falando, foi uma maravilha. Essa reportagem, no dia seguinte, foi ao ar no nosso jornal, na rede da manhã, que é o Fala Brasil. A reportagem foi ao ar mais ou menos uns 15 minutos depois a gente recebeu uma ligação aqui em Ribeirão Preto. Porque aí, a reportagem foi gerada para São Paulo, exibida no jornal na rede nacional, aí a gente recebeu uma ligação aqui, da editora chefe do jornal em São Paulo, dizendo o seguinte: "Olha. Nós vamos ter que fazer uma suíte da reportagem do Pedro." A suíte é a continuação do mesmo assunto, então nós vamos "suitar" o assunto, vamos continuar contando a história



do Pedro. Mas por que a gente vai continuar contando a história do Pedro? Porque eles tinham acabado de receber uma ligação da secretaria estadual de saúde de que eles iriam arrumar uma vaga para o Pedro. Que o Pedro tinha um leito já garantido aqui no hospital para fazer o transplante de medula. E aí a mãe do Pedro ficou muito feliz e ao mesmo tempo ela ficou apreensiva porque ela falava assim. "Olha. Eu procurei vocês para ter ajuda. Mas eu não quero que meu filho passe na frente de ninguém." Ela é muito consciente, mas enfim. Tinha-se o doador disponível. Então isso era o que mandava naquele momento. Aí a gente voltou, fez uma outra reportagem com o Pedro, deu a notícia de que tinha vaga foi muito legal. Começou o processo, o Pedro foi para o hospital, ficou em isolamento. O outro rapaz na Alemanha, doador, ficou em isolamento. Então assim, a gente foi se envolvendo e cada etapa dessa história, eu ia lá fazer essa reportagem. Então, o Pedro ficou no hospital, fez todo o procedimento, recebeu a medula, foi tudo incrível. O Pedro ficou bom, foi na TV, visitou a gente e aí a gente vai se envolvendo com toda essa história. Acompanhamos a saída do Pedro do hospital, fizemos todas as etapas. Ai o que que aconteceu, três meses depois que ele fez o transplante, ele começou a sofrer um processo de rejeição. O transplante começou a não dar certo, deu certo, mas começou a apresentar alguns problemas, o Pedro foi internado e aí ele ficou lá internado por um período muito grande. E a gente sempre mantém contato com a família para saber como é que estava, e aí é aquilo que a gente jamais gostaria né, que a gente acompanhou tudo isso.. O Pedro não resistiu, o Pedro depois de três ou quatro meses se eu não me engano, ele morreu. E aí é mais uma vez foi uma situação assim, que tanto eu, quanto todo o mundo ali né na tv, que ficou muito envolvido com a história a gente ficou muito, mas muito triste mesmo. Claro que perder o filho é uma coisa assim né é uma dor que eu não consigo imaginar, mas uma dor irreparável para mãe, para o pai, mas a mãe dele, ela conseguiu fazer disso de ter mais força ainda. Ela faz um trabalho muito bacana com crianças que estão internadas lá no hospital, é anualmente né no dia das crianças no dia doze de outubro ela faz uma festa para as crianças no que estão no leito lá no no hospital e a gente já acompanhou essa festa que ela organiza, já fez reportagens lá depois disso. Então assim é é outra coisa que eu sempre me lembro assim, que a gente fica muito mexido com isso. O Pedro.. O cemitério que ele está enterrado eu fui lá algumas vezes depois e ai eu já sei até onde é, porque ela sempre mantém o túmulo com balões, coloca lá um catavento que ele sempre brincava, ele gostava da galinha pintadinha, então sempre tem ali uma alguma coisa da galinha pintadinha então assim, é uma coisa bem dolorida pra família e para a gente que

participa disso que se envolve com isso também não é muito fácil né. Aí voltando à sua pergunta como é que você consegue digerir tudo isso né, eu acho que é pensar que naquele momento a gente fez o que foi melhor para ele ou para qualquer outra família ou para qualquer outra situação, mas que nada disso está nas nossas mãos, não é a gente que decide se fosse a gente que pudesse decidir né mas não é. Então a gente aceita e respira e segue para a próxima.

**21:53 Antes de se formar, você imaginava que iria passar por isso? Cobrir esse tipo de caso?**

**22:03** Olha, quando eu assistia as coisas na TV, quando eu lia nos jornais, eu não tinha muita ideia de como isso acontecia, né? Mas eu até que eu pensava, eu falava assim, “Nossa, será que um dia eu vou ter que fazer uma reportagem de alguma pessoa morta, né? De algum acidente, de alguma coisa assim”. Porque a gente sempre quer fazer coisa legal. Tem muita coisa boa que a gente faz também, né? Mas aí eu ficava sempre pensando, né? Será que eu vou conseguir fazer isso? Será que eu não vou?

Confesso que no início eu tentava meio que manter uma distância, né? Não queria muito me envolver com a situação, mas depois a gente começa a perceber que não é assim. Mas eu acho que a gente também precisa, em alguns momentos, avaliar aquilo de uma maneira profissional, né? Que a gente está ali trabalhando, para mostrar ali a situação e que a gente sabe que, como eu acabei de dizer, as coisas não estão no nosso controle. Então, assim, eu imaginava até que poderia ter esse tipo de coisa, mas eu não sabia como é que eu ia lidar com isso, né? Então, assim, eu acho que... Eu acredito que a maneira com que eu consigo lidar no meu dia a dia seja a maneira mais correta. Eu tento seguir o maior profissionalismo possível, né? E, claro, em algumas situações ali a gente acaba se envolvendo, mas é preciso também criar um distanciamento. É tudo na medida certa, né? Como tudo na nossa vida, a gente vai criando tudo, a gente vai fazendo tudo na medida para poder seguir trabalhando.

**24:09 E sobre a sua saúde emocional? Você consegue separar o pessoal do profissional? Como você lida com esses casos?**

**24:18** Não, eu consigo separar bastante, né? Apesar da gente... Que nem eu disse, apesar do envolvimento que eventualmente acontece, eu consigo ainda separar bastante.

Mas é claro, assim, terapia acho que é ótimo, né? Para qualquer situação da vida. É importante você fazer, buscar ajuda, conversar com os colegas ali no dia a dia, na redação, com os colegas de reportagem. A gente conversa também bastante, troca bastante experiência, né? Às vezes a gente conta uma situação e fala “Nossa, será que eu segui mesmo pelo caminho correto? Será que eu não deveria ter feito isso?”.

Então, essa troca ali com os colegas, é muito importante também conversar, óbvio, com familiares, né? Existem casos, né? De gente que precisou de afastamento, né? Precisou se reequilibrar e depois voltar. Porque é aquilo, né? A gente tá ali todos os dias lidando com histórias de pessoas diferentes, né? Lidando com gente. Então, é uma barra, né? Mas a gente consegue ir contornando isso, né? A intenção é ir contornando tudo isso.

### **25:34 Existe algo que você gostaria que o público em geral soubesse sobre os desafios emocionais enfrentados pelos jornalistas?**

**25:51** O que eu costumo dizer é que, assim, o jornalista é uma pessoa igual a qualquer pessoa, né? O que dá essa impressão de que é algo diferente, né? No caso da TV, é porque você tá ali, né? Tá ali na TV todos os dias. A TV tem essa magia, né? A gente sabe disso, que a TV tem essa magia. Mas, assim... A gente tá ali como todo trabalhador, todos os dias tem horário pra entrar, horário pra sair, passa a digital lá pra registrar a nossa presença. Segue ali uma rotina, né? Chega na TV, vai lá conversar com o produtor da reportagem que você vai fazer, ele te fala os detalhes de tudo, a gente vai pra rua, às vezes não acontece nada daquilo que tá na pauta, muda tudo. Então, assim... O que eu gostaria é que as pessoas soubessem que nós somos aliados deles, né? Que a gente tá aqui no nosso dia a dia com a única e exclusiva missão de ouvi-los e de levar pra eles a melhor informação, a informação que tem credibilidade, a informação que é checada, a informação que ouve todos os lados de uma história, que o nosso trabalho é pra isso, é para que as pessoas sejam ouvidas. Que elas sejam representadas, que elas tenham representatividade, que elas tenham voz de uma maneira muito séria e com muita credibilidade, né? Rede social é uma coisa sensacional, isso deu

muita voz pras pessoas, mas, ao mesmo tempo, a gente vê que, em alguns momentos, o que tá publicado ali não é correto, não tá certo. E a gente tá aqui diariamente batalhando, trabalhando pra poder provar que o jornalismo profissional é fundamental e ele nunca vai acabar. Então, a gente tá aqui pra poder provar isso todos os dias. Então, eu acho que essa é a mensagem que eu gostaria tanto de deixar pra todos, né? Todo mundo que nos assiste, que nos ouve, o telespectador, o leitor, o ouvinte e também pra quem tá chegando aí agora e que vai saborear desses desafios e quando começa, pode ter certeza que vocês não vão querer parar. A sede nunca vai acabar.

## ANEXOS

## Roteiro 2

<p><b>Trilha - Abertura</b></p> <p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>Bem-vindos ao podcast "Encontrando Vozes"! Eu sou Geisiane Cantuária e estou aqui para guiá-los nessa jornada de histórias de traumas causados pelo exercício da profissão de jornalista.</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>No episódio de hoje, convidamos o estudante de jornalismo Mateus de Oliveira Luciano, para contar sobre suas experiências. Mateus, seja muito bem vindo.</p> <p>Matheus, como você escolheu o jornalismo? Quando você era criança, qual era o seu desejo?</p>
<p><b>Loc: Mateus de Oliveira</b></p>	<p><b>Deixa inicial:</b> "O esporte foi uma coisa que eu sempre gostei bastante".</p> <p><b>Deixa final:</b> "...Então por isso resolvi caminhar para o jornalismo."</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>Você já está quase se formando. Você já estagiou na área? Como foi sua experiência?</p>
<p><b>Loc: Mateus de Oliveira</b></p>	<p><b>Deixa inicial:</b> "Já eu estagiei, né? Fiquei na Record durante sete meses."</p> <p><b>Deixa final:</b> "...Produzir alguma coisa sobre aquela pauta."</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>E nesse tempo de estágio, como foi sua rotina? Teve algum desafio que você passou? Algo que te marcou?</p>
<p><b>Loc: Mateus de Oliveira</b></p>	<p><b>Deixa inicial:</b> "...Questão de horário, eu</p>

	<p>entrava até que relativamente cedo na Record.”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...Que causa um certo estranhamento de primeira.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p>E quando surgiu esse estágio na Record, você já sabia que você iria fazer o que você estava fazendo? Ou não? Ou foi como... “Eu preciso de um estágio”, aí você aceitou?</p>
<b>Loc: Mateus de Oliveira</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “ Na verdade, em si, foi uma oportunidade que apareceu.”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...Mas não sabia o que eu ia enfrentar.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p>E quando foi que você decidiu que aquela linha editorial não era mais para você?</p>
<b>Loc: Mateus de Oliveira</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Principalmente a questão factual, porque como eu falei, tem muito acidente.”</p> <p><b>Deixa final:</b> “Era uma coisa que acabou mexendo comigo.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p>Você falou novamente dessa questão do acidente. Em nossa primeira conversa você também citou a questão da linha editorial e tudo mais, que você presenciou muitos acidentes. Você acredita que isso tenha sido um trauma pra você?</p>
<b>Loc: Mateus de Oliveira</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “No começo eu acho que pode ter causado alguma coisa sim, de ficar mais receoso...”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...eu simplesmente não conseguia me locomover.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p>E você teve apoio, tanto da redação, quanto em casa, pra buscar ajuda, né, ou foi por conta própria mesmo, você que decidiu?</p>
<b>Loc: Mateus de Oliveira</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Na verdade, eu já fazia</p>

	<p>terapia, é uma coisa que eu já faço já há alguns anos...”</p> <p><b>Deixa final:</b> “Não tem muito que a gente consegue fazer pra mudar essa situação.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p>E o apoio da equipe, dividir experiências, você acha que é importante esse auxílio, principalmente pro jornalista que está tendo a primeira experiência ali agora, o primeiro contato com cenas, a primeira experiência profissional?</p>
<b>Loc: Mateus de Oliveira</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Ah, um pouco de auxílio eu acho que acaba dando...”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...necessariamente foi uma coisa que resolveu essa questão pra mim.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p>E após tudo isso que você passou, você sentiu que a perspectiva sobre a carreira jornalística mudou ou não?</p>
<b>Loc: Mateus de Oliveira</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Então, eu continuo querendo trabalhar com o jornalismo, isso pra mim é..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...foi um pouco determinante para não realmente não querer correr para essa linha editorial.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p>E como você vê a importância de compartilhar as experiências com outras pessoas?</p>
<b>Loc: Mateus de Oliveira</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Quanto mais conhecimento a gente tem sobre um determinado assunto..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...ideia com quem já está na área e com quem pretende entrar.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p>Quais são os seus planos para o futuro?</p>

<b>Loc: Mateus de Oliveira</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Bom, primeiro, acho que, até por questão de ficar uma coisa mais em conta...”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...uma cidade maior, ou às vezes ir para a capital de outro estado.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p>E existe algo que você gostaria que o público, em geral, soubesse? Alguma coisa da profissão? Alguma dica que você daria?</p>
<b>Loc: Mateus de Oliveira</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Eu acho que, se realmente você deseja seguir essa área..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “..Então, é estar aberto para viver experiências novas e de cabeça.”</p>



## Roteiro 3

<p><b>Trilha - Abertura</b></p> <p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>Bem-vindos ao podcast "Encontrando Vozes"! Eu sou Geisiane Cantuária e estou aqui para mais um episódio onde abordaremos histórias impactantes da profissão do jornalista.</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>No episódio de hoje, convidamos a Jornalista Marília Valente, para contar um pouquinho sobre sua carreira e compartilhar suas experiências.</p> <p>Marília, poderia nos contar um pouco sobre você e sua trajetória no jornalismo?</p>
<p><b>Loc: Marília Valente</b></p>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Então, eu me formei em 2005, né? Eu fui estagiária da EPTV...”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...Mas não gosto de aparecer, eu sou nos bastidores mesmo.”</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>Então, você está bem ligada nas pautas a todo tempo. Tudo o que é notícia?</p>
<p><b>Loc: Marília Valente</b></p>	<p><b>Deixa inicial:</b> “O dia é tudo. É, assim... Ainda mais o que acontece, o que não tinha antigamente..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...Que aí a gente acaba trazendo isso para o jornalismo local.”</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>Você teria algum caso, assim, ao longo de sua carreira, que você gostaria de compartilhar conosco? Algo que você cobriu, que te marcou?</p>

<p><b>Loc: Marília Valente</b></p>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Olha, tem vários casos que a gente fez...”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...E aí aquela questão, você evita, você fica com o pé lá e outro cá. Sempre.”</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>E pensando em tudo agora, tanto na questão da pandemia, quanto a questão do dia a dia de muito assalto, cobrir muito homicídio... Você acha que essas questões foram situações traumáticas pra você?</p>
<p><b>Loc: Marília Valente</b></p>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Então... Eu não sei se é trauma, mas é isso, sabe?..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...De conviver muito com esse tipo de notícia ruim. “</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>Se você não fosse jornalista, você acredita que estaria vivenciando todas essas questões da sua vida, de uma forma diferente?</p>
<p><b>Loc: Marília Valente</b></p>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Eu acho que seria diferente, muito diferente por base que eu tenho..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “..E tentar prevenir que algumas coisas ruins possam acontecer. Mas eu acho que isso é da profissão.”</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>E sobre segurança. Em algum momento você parou para pensar na segurança da sua família, na sua segurança pessoal?</p>
<p><b>Loc: Marília Valente</b></p>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Sim, sim. Inclusive a gente desistiu. Um repórter da TV que fazia..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...Então, a partir do momento que coloca em risco a segurança da equipe, a gente para.”</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>O jornalista tem acesso a cenas sem censura e a áudios também. Como você lida com a saúde mental diante desses casos?</p>

<b>Loc: Marília Valente</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Eu não vejo. Eu evitei muito, porque eu fico com aquilo na cabeça..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “..É algo que eu não gosto. Eu evito.</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	E teve algum caso que você ficou muito pensativa, ou que dias depois chegou a te travar?
<b>Loc: Marília Valente</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Sim. Aquela hora que você me perguntou, acabei me esquecendo...”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...Mas é óbvio, alguns marcam mais, outros menos e por aí vai.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	E você acredita que o apoio da equipe e cultura da redação pode ajudar o jornalista no dia a dia?
<b>Loc: Marília Valente</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Claro. Trabalho em televisão é trabalho em equipe total...”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...O trabalho em equipe em televisão é essencial.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	Tem algo que você aprendeu com essa experiência no jornalismo?
<b>Loc: Marília Valente</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Aprendo todos os dias. Sabe, a gente aprende todos os dias...”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...Mas a notícia é sempre com os dois lados desde o início sempre.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	Como você vê a importância de compartilhar suas experiências com outros jornalistas?
<b>Loc: Marília Valente</b>	<b>Deixa inicial:</b> “Eu acho bem legal. Eu acho que a gente aprende com o outro, as histórias

	do outro..” <b>Deixa final:</b> “...Basta você saber olhar e ouvir com sensibilidade.”
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	Existe algo que você gostaria que o público soubesse sobre os desafios enfrentados pelos jornalistas?
<b>Loc: Marília Valente</b>	<b>Deixa inicial:</b> “Olha eu gostaria que a gente tivesse um pouco mais de respeito, sabe?..” <b>Deixa final:</b> “..sem pesquisar, eu acho que é isso, respeito.”
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	Marília muito obrigada por dedicar o seu tempo conosco. Gostaríamos de agradecer muito a sua participação e colaboração neste projeto
<b>Loc: Marília Valente</b>	Eu que agradeço pelo convite, tá bom?

## Roteiro 4

<p><b>Trilha - Abertura</b></p> <p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>Bem-vindos ao podcast "Encontrando Vozes"! Eu sou Geisiane Cantuária e estou aqui para mais um episódio onde abordaremos histórias impactantes da profissão do jornalista.</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>Bem vindos ao encontrando vozes! É um prazer imenso te ter aqui, eu sou Geisiane Cantuária e irei guiá-los pelo episódio de hoje.</p> <p>Acho que algo interessante a ser dito agora no início, é que o trauma não é apenas aquele sentimento que te trava te impedindo de fazer algo. O trauma te marca e te faz carregar lembranças para sempre. Nesse podcast eu quero exaltar a existência de um jornalista e mostrar que na frente e por trás das câmeras existe um ser-humano.</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>No episódio de hoje convidamos Kaique Castro para contar um pouquinho sobre sua carreira.</p> <p>Kaique, como você escolheu o jornalismo?</p>
<p><b>Loc: Kaique Castro</b></p>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Eu me chamo Kaique Castro, tenho 30 anos..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...fazendo alguns boletins, no Bom Dia Cidade e também algumas... Algumas participações durante os programas.”</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>E como você definiria o papel do jornalismo?</p>
<p><b>Loc: Kaique Castro</b></p>	<p><b>Deixa inicial:</b> “A nossa profissão, ela muda, né?..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...uma ferramenta que tem que</p>

	funcionar junto com a sociedade.”
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	Você citou a pandemia, né? E como foi esse período para você?
<b>Loc: Kaique Castro</b>	<b>Deixa inicial:</b> “A pandemia foi um momento muito complicado, né?..” <b>Deixa final:</b> “..Um momento muito difícil, mas muito importante para o jornalismo.”
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	E você teria algum caso que gostaria de compartilhar conosco? Algo que você cobriu, que te marcou?
<b>Loc: Kaique Castro</b>	<b>Deixa inicial:</b> “Então, na própria pandemia, a gente viveu muitos momentos..” <b>Deixa final:</b> “..Então, esse momento marcou bastante.”
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	Como você lida com o peso emocional de estar tão próximo dessas histórias trágicas?
<b>Loc: Kaique Castro</b>	<b>Deixa inicial:</b> “Eu lido que é meu trabalho, é meu papel, está ali, eu escolhi..” <b>Deixa final:</b> “..E a gente trabalha dessa maneira.”
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	Em algum momento da sua carreira, você chegou a sentir medo?
<b>Loc: Kaique Castro</b>	<b>Deixa inicial:</b> “Ir nos hospitais infectados era bastante complicado..” <b>Deixa final:</b> “...parte da Covid-19, que foi muito complicada.”

<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	O que você acha sobre compartilhar experiências? Você acha algo válido?
<b>Loc: Kaique Castro</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Eu acho que é sempre válido, porque nós ficamos em evolução..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “..quando a gente ouve, a gente aprende também.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	Existe algo que você aprendeu com o jornalismo?
<b>Loc: Kaique Castro</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Olha, eu acho que aprendi tudo com o jornalismo..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...agradecer ao jornalismo, à pessoa que eu sou agora.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	Existe algo que você gostaria que o público soubesse, sobre o dia a dia do jornalista, sobre os desafios da carreira?
<b>Loc: Kaique Castro</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Olha, é muito complicado. Eu acho que..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...tem muito trabalho atrás de uma reportagem.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	E esse foi mais um episódio. Kaique muito obrigada pela sua participação e por abordar um assunto tão importante.
<b>Loc: Kaique Castro</b>	Eu que agradeço!

## Roteiro 5

<p><b>Trilha - Abertura</b></p> <p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>Olá pessoal, espero que vocês estejam bem! O episódio de hoje será um pouco diferente do que vocês estão acostumados. E para isso, eu chamei uma pessoa para nos auxiliar hoje e também fazer parte dessa narrativa.</p>
<p><b>Loc: Bruno Mello</b></p>	<p>Olá pessoal eu sou Bruno Mello e terei o prazer de guiar vocês no episódio de hoje. Essa é uma história real, de uma pessoa que não deseja ser identificada e por isso a Geisiane vai conduzir os relatos da entrevistada</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>Bom, então é isso galera vou passar para a minha voz os relatos dessa fonte. Espero que vocês gostem, compartilhem e dê um feedback.</p>
<p><b>Loc: Bruno Mello</b></p>	<p>Por que você escolheu o jornalismo?</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Bom, primeiro que eu tenho muitos jornalistas na família..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...Estou muito feliz com essa escolha.”</p>
<p><b>Loc: Bruno Mello</b></p>	<p>Você poderia contar um episódio de assédio que você teve durante o exercício de sua profissão como jornalista? Foi assédio moral ou sexual?</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Eu acho assim, assédio moral, em algum momento..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...mas eu acho que o assédio sexual é muito pior.”</p>



<b>Loc: Bruno Mello</b>	Em algum momento você se sentiu isolada e sem recursos para lidar com essa situação?
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Com certeza. Porque para quem a gente vai contar isso?..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...A gente passa até hoje, assim, isso.”</p>
<b>Loc: Bruno Mello</b>	Então isso te afetou em sua atividade como jornalista?
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Bastante, afeta sim. Eu nunca pensei em parar...”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...fazem o mesmo trabalho passar por isso.”</p>
<b>Loc: Bruno Mello</b>	E nessas vezes que acontece? Aconteceram vários, né? Você denunciou este assédio à empresa?
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Não. Eu nunca denunciei, sempre fiquei em silêncio..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “..seria mais forte, ou a gente conseguia coisas, sabe?”</p>
<b>Loc: Bruno Mello</b>	Primeiro, você considera importante compartilhar sua história para criar essa conscientização? Para que as pessoas, as mulheres que sofreram um assédio, possam denunciar e fortalecer?
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Com certeza. Existe uma palavra que a gente fala muito...”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...Então, não são só jornalistas que passam por isso, são muitas mulheres de outras profissões.”</p>

<b>Loc: Bruno Mello</b>	Você acha que faltam leis que protejam esse assédio dentro do Brasil?
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Com certeza. Eu acho assim, existe uma lei de assédio no Brasil...”</p> <p><b>Deixa final:</b> “..a maioria vai falar para você, é medo.”</p>
<b>Loc: Bruno Mello</b>	E você conhece outras histórias de jornalistas?
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Ah, com certeza. Conheço histórias de jornalistas que sofreu assédio...”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...fazer esse tipo de coisa. Você fala, “Não é normal. Não é.”</p>
<b>Loc: Bruno Mello</b>	Você gostaria de deixar alguma mensagem para as pessoas, para as outras mulheres?
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Gostaria. Eu acho que por mais difícil..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...alimentado e a gente precisa mudar isso.”</p>
<b>Loc: Bruno Mello</b>	Muito obrigada por estar aqui hoje compartilhando suas histórias.
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Muito obrigada. Eu acho que o fato de eu estar sentada aqui hoje..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...já estar começando, já é maravilhoso. Obrigada”</p>

<b>Loc: Bruno Mello</b>	E o episódio de hoje fica por aqui. Relatos com esse são fundamentais para que mais olhares sejam direcionados para essa profissão. Um olhar de carinho, possibilidades de novas políticas públicas e apoio da organização.
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	Foi um prazer contribuir com a história de hoje. Espero que você tenha gostado e que tenha tido uma nova visão sobre o jornalismo, sobre essa profissão que precisa de um olhar a mais.

## Roteiro 6

<p><b>Trilha - Abertura</b></p> <p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>Olá, seja bem vindo! Caso tenha vindo dos episódios anteriores, nos dê o seu feedback sobre o que achou.</p> <p>No episódio de hoje, convidamos Rafael Pascuim repórter e apresentador da TV Record.</p> <p>Rafael, muito obrigada por ter aceito o nosso convite, seja bem-vindo.</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>Rafael, como você escolheu o jornalismo?</p>
<p><b>Loc: Rafael Pascuim</b></p>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Escolher o jornalismo para mim foi uma coisa muito fácil..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...eu optei pelo jornalismo logo de cara.”</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>Você faz parte de uma das maiores emissoras do Brasil. Como você lida com a fama?</p>
<p><b>Loc: Rafael Pascuim</b></p>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Então é engraçado isso, porque assim, a gente..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...isso daí é incrível. Não tem o que pague isso.”</p>
<p><b>Loc: Geisiane Cantuária</b></p>	<p>E durante a sua carreira, teve algum caso que te marcou?</p>

<b>Loc: Rafael Pascuim</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Ó, eu costumo dizer que assim, todos os dias”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...eu me lembro dessa imagem.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p>Como é pra você ver a cena, digerir e relatar isso ao público?</p>
<b>Loc: Rafael Pascuim</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “É assim, a gente tem que aliar ali as técnicas..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...respira e segue para a próxima.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p>Antes de se formar, você imaginava que iria passar por isso? Cobrir esse tipo de caso?</p>
<b>Loc: Rafael Pascuim</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Olha, quando eu assistia as coisas na TV..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “.. na medida para poder seguir trabalhando.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p>E sobre a sua saúde emocional? Você consegue separar o pessoal do profissional? Como você lida com esses casos?</p>
<b>Loc: Rafael Pascuim</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “Não, eu consigo separar bastante, né?”</p> <p><b>Deixa final:</b> “...A intenção é ir contornando tudo isso.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p>Existe algo que você gostaria que o público em geral soubesse sobre os desafios emocionais enfrentados pelos jornalistas?</p>

<b>Loc: Rafael Pascuim</b>	<p><b>Deixa inicial:</b> “O que eu costumo dizer é que, assim..”</p> <p><b>Deixa final:</b> “..A sede nunca vai acabar.”</p>
<b>Loc: Geisiane Cantuária</b>	<p>E por aqui fechamos mais um episódio. Muito obrigada pela sua participação ouvinte espero sempre te ver por aqui.</p> <p>Rafael, gostaríamos muito de agradecer a sua participação. Foi uma honra tê-lo aqui e muito obrigada por falar um pouquinho da sua carreira.</p>
<b>Loc: Rafael Pascuim</b>	<p>Eu que agradeço a participação, o convite.. E um abraço a todos. Que vocês foquem ai nos estudos e logo logo quem sabe a gente pode até ser futuros colegas de trabalho. Isso que a gente quer, gente nova chegando no mercado, gente nova com vontade, gente nova pra fazer jornalismo profissional.</p>



Pelo presente instrumento, eu Marília Valente abaixo identificada, autorizo Geisiane Cantuária Silva, estudante do curso de jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha voz e também as informações prestadas por mim, para elaboração de seu TCC - Trabalho de conclusão de curso que tem como título: Os desafios na carreira jornalística - um estudo sobre o impacto do trauma, e que está sendo orientado pela Prof.(a) Flávia Cortesi Martelli.

Esta autorização inclui o uso de todo material que contenha minha voz, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD, rádio, bem como sua disseminação via internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 27 de novembro de 2023.

Assinatura  DocuSigned by:  
Marília Valente  
C6224C09DFF543E



Pelo presente instrumento, eu Bruno Gabriel de Melo Silva abaixo identificado, autorizo Geisiane Cantuária Silva, estudante do curso de jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha voz e também as informações prestadas por mim, para elaboração de seu TCC - Trabalho de conclusão de curso que tem como título: Os desafios na carreira jornalística - um estudo sobre o impacto do trauma, e que está sendo orientado pela Prof.(a) Flávia Cortesi Martelli.

Esta autorização inclui o uso de todo material que contenha minha voz, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD, rádio, bem como sua disseminação via internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 29 de novembro de 2023.

Assinatura  \_\_\_\_\_  
370eF691010B49C





Pelo presente instrumento, eu Mateus de Oliveira Luciano abaixo identificado, autorizo Geisiane Cantuária Silva, estudante do curso de jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha voz e também as informações prestadas por mim, para elaboração de seu TCC - Trabalho de conclusão de curso que tem como título: Os desafios na carreira jornalística - um estudo sobre o impacto do trauma, e que está sendo orientado pela Prof.(a) Flávia Cortesi Martelli.

Esta autorização inclui o uso de todo material que contenha minha voz, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD, rádio, bem como sua disseminação via internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 27 de novembro de 2023.

Assinatura  E10BE4F0AED0470



Pelo presente instrumento, eu Rafael Pascuim abaixo identificado, autorizo Geisiane Cantuária Silva, estudante do curso de jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha voz e também as informações prestadas por mim, para elaboração de seu TCC - Trabalho de conclusão de curso que tem como título: Os desafios na carreira jornalística - um estudo sobre o impacto do trauma, e que está sendo orientado pela Prof.(a) Flávia Cortesi Martelli.

Esta autorização inclui o uso de todo material que contenha minha voz, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD, rádio, bem como sua disseminação via internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 23 de novembro de 2023.

Assinatura:



Pelo presente instrumento, eu Juliana Melani abaixo identificada, autorizo Geisiane Cantuária Silva, estudante do curso de jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha voz e também as informações prestadas por mim, para elaboração de seu TCC - Trabalho de conclusão de curso que tem como título: Os desafios na carreira jornalística - um estudo sobre o impacto do trauma, e que está sendo orientado pela Prof.(a) Flávia Cortesi Martelli.

Esta autorização inclui o uso de todo material que contenha minha voz, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD, rádio, bem como sua disseminação via internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 27 de novembro de 2023.

Assinatura: \_\_\_\_\_



Pelo presente instrumento, eu Kaique Castro abaixo identificado, autorizo Geisiane Cantuária Silva, estudante do curso de jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha voz e também as informações prestadas por mim, para elaboração de seu TCC - Trabalho de conclusão de curso que tem como título: Os desafios na carreira jornalística - um estudo sobre o impacto do trauma, e que está sendo orientado pela Prof.(a) Flávia Cortesi Martelli.

Esta autorização inclui o uso de todo material que contenha minha voz, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD, rádio, bem como sua disseminação via internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 27 de novembro de 2023.

Assinatura: \_\_\_\_\_